



## **MESTRADO EM ARTE E DESIGN PARA O ESPAÇO PÚBLICO**

### **Narrativas Espaciais: o corpo na arte no Espaço Público**

Catarina Ferreira Rodrigues

DISSERTAÇÃO E TRABALHO DE PROJECTO DE MESTRADO  
APRESENTADOS À FACULDADE DE BELAS ARTES DA  
UNIVERSIDADE DO PORTO EM ARTE E DESIGN PARA O  
ESPAÇO PÚBLICO

Ano: 2017

Orientadora: Doutora Manuela Barros



## Agradecimentos

Aos meus pais por todo o trabalho e esforço, de forma a fazerem possível a minha formação até à data, como o apoio e ajuda incondicional.

À minha irmã, profissional na área de Design, sempre disponível e de enorme compreensão. Lendo e ouvindo as minhas ideias, e até fazendo parte delas ou como modelo ou participando de alguma forma na construção.

Aos meus colegas e amigos Alicia Medeiros, Diana Baptista, Nuno Cardoso, Paulo Graça, Rute de Azevedo e Thiago Marcial pela partilha ao longo deste percurso e por toda ajuda em alguns projectos desta investigação, fosse como performers ou como apoio para questões técnicas.

Agradeço toda a disponibilidade da Doutora Manuela Barros em orientar-me nesta investigação e partilhar comigo o seu conhecimento, de maneira a direccionar-me e ajudar-me nesta pesquisa. Todas as partilhas foram para mim enriquecedoras e motivadoras para poder continuar a avançar, foi fundamental e um privilégio para este estudo.

## Sinopse

A dissertação Narrativas Espaciais: o corpo na arte no Espaço Público, tem como objecto de estudo as acções, vivências e experiências provenientes dos corpos dos Indivíduos que habitam e transitam no Espaço Público. A investigação analisa-os como construtores das Narrativas Espaciais que compõem cada local, tanto a nível urbanístico como a nível das dinâmicas socioculturais e políticas, sendo neste conjunto, onde identificamos a identidade de cada *site*. O estudo centra-se nestas dinâmicas e práticas (denominadas nesta dissertação como Narrativas Espaciais), que se desenrolam quando o Espaço Público se cruza com as acções corporais dos Indivíduos, de forma a ocuparem lugar como obra de arte, e onde o papel de artista e performer passa para o próprio Espaço e os corpos dos Indivíduos que nele transitam.

Os locais abordados são lugares de passagem (ex. estações de transportes públicos), onde não são logo perceptíveis as ligações entre Espaço e Indivíduo, nem a sua identidade/Narrativas Espaciais, e apresentam uma falta de consciência sobre o que as suas acções, por mais mínimas e fugazes, provocam na identidade do local.

Pretendeu-se compreender o que simples e rotineiras acções, como por exemplo o caminhar, podem provocar na composição/identidade de um determinado lugar. Assim sendo, a pesquisa debruçou-se na procura de marcas existentes no Espaço (ex. percursos: pegadas em cimento; trilhos em relva), histórias e memórias (imagem visual – passado Vs. presente), bem como a imagem social, cultural e política do lugar. Também se pretendeu investigar as sonoridades de cada Espaço, tendo como interesse estabelecer comparações e padrões entre eles, como compreender a relação entre o corpo, o som e o Espaço.

A investigação interessou-se por estudar a posição destes corpos face à sua influência sob os Espaços em que transita. Tendo como objectivo criar projectos que de alguma forma implicassem a passagem do corpo alienado do Indivíduo para um corpo participativo, e com os seus movimentos resultantes e interactivos para um corpo performativo. O Indivíduo deixa de ter o papel comum de espectador - como quando assiste a performers/músicos de rua - para passar ao papel principal, ou seja o próprio performer/criativo.

O objectivo central desta investigação foi fazer sobressair as suas singularidades performativas no sentido de quem inscreve e constrói algo no Espaço com a sua passagem distinta da do outro. Expectando com o trabalho prático despertar estes corpos para a compreensão de que as suas acções contribuem, tanto positiva como negativamente, para o desenvolvimento e transformação dos Espaços Públicos/Cidade em que transita/vive.

## Abstract

The dissertation *Space Narratives: the body in art in the Public Space*, has as object of study the actions, involvement and experiences coming from the bodies of Individuals that inhabit and transit in the Public Space. The research analyzes them as constructors of the Spatial Narratives that compound each place, both urban level and socio-cultural and political dynamics, being in this set, the place where we identify the identity of each site. The study focuses on these dynamics and practices (called in this dissertation as Spatial Narratives), which are developed when the Public Space intersects with the Individuals' bodily actions, in order to occupy the place as a piece of art, and where the role of the Artist and the performer passes to the Space itself and the bodies of the Individuals that pass through it.



The places focused are places of passage (e.g. public transport stations), where the connection between space and Individual, nor their Identity / Spatial Narratives, are not immediately perceptible, and they present a lack of awareness about what their actions cause, even if minimal and transient, at the place's identity.

It was intended to understand what simple and routine actions, such as walking, can cause in the structure / identity of a certain place. Therefore, the research focused on the search for existing marks in Space (e.g. paths: cement tracks, grass tracks), stories and memories (visual image - past present), as well as the social, cultural and political image of the place. It was also intended to investigate the sonorities of each Space, having as interest to establish comparisons and standards between them, like understand the relation between body, sound and Space.

The investigation has been interested in studying the position of these bodies in relation to their influence within the Spaces in which it transits. Its goal is to create projects that, in some way, may involve the transition from the alienated body of the Individual to a participatory body, and with its resulting and interactive movements a performative body. The Individual ceases from having a common role of observer - as when he attends to a perform / or street musicians – and becomes to the main role of the performer / the creative himself.

The central aim of this investigation was to highlight its performative singularities in the sense of who inscribes and constructs something in Space with its passage distinct from the other. Expecting with the practical work to awaken these bodies to the understanding of how their actions contribute, both positively and negatively, to the development and transformation of the Spaces /City in which they travel / live.

## Índice

1.Contexto.....	3
1.1. Narrativas Espaciais.....	17
2. O Quotidiano no Espaço Público.....	21
2.1. Corpo Alienado.....	26
2.2. Lugares de Passagem – Experimentação/Levantamento do Lugar.....	31
3. O Corpo e o Espaço.....	39
3.2. A Relação com o Som.....	50
3.3. A Relação entre as Acções Corporais do Quotidiano do Indivíduo e a Performance.....	62
4. Espaço Público + Indivíduo (Artistas) = Narrativas Espaciais (Obra de Arte).....	73
4.1. O Corpo que se Inscreve no Espaço.....	81
4.2. Obra Visual.....	88
4.3. Obra Histórica.....	92
4.4. Obra Sonora.....	98
4.5. Obra Poética.....	103
5. Reflexão Crítica.....	111



## Índice de Figuras

Figura 1. <i>Object Trouvé</i> , Catarina Rodrigues, 1ª Avenida   AXA, 2013 .....	6
Figura 2. Transformando o Vazio em Cheio, Catarina Rodrigues, Serralves em Festa, 2013 .....	9
Figura 3. Diagrama de conteúdos da dissertação .....	17
Figura 4. Imagens retiradas do vídeo realizado da performance <i>A Subida do Olhar</i> .....	30
Figura 5. Exemplos de alguns trilhos encontrados no jardim do Marquês de Pombal, Porto .....	36
Figura 6. Vista aérea através do Google Maps dos trilhos na relva encontrados perto da estação de metro da Lapa, Porto .....	37
Figura 7. Pegadas encontradas impressas no Espaço Público (Porto: Boavista, Campo 24 de Agosto e São Lázaro) .....	38
Figura 8. Os Espacialistas, “O Piscocenho”, 2011, fotografia, Red Bull House of Art .....	49
Figura 9. Os Espacialistas, “O Piscocenho”, 2011, fotografia, Red Bull House of Art .....	49
Figura 10. Anna Karin Rynander e Per-Olof Sandberg, “Sound Showers”, 1998, instalação sonora interactiva, Aeroporto de Oslo.....	58

Figura 11. Anna Karin Rynander e Per-Olof Sandberg, “Homagem Jackson Pollock”,1993, tela sonora, “The Homage Exhibition” na Associação de Arte de Trondheim .....	58
Figura 12. Jessica Thompson, “Walking Machine”, 2003-2004, Som e Corpo, Psy-Geo-Conflux em Nova Iorque.....	60
Figura 13. Eleonora Fabião, “Converso sobre qualquer assunto”, 2008,.....	68
Figura 14. Ana Teixeira, “Escuto histórias de amor”, 2012, performance, Avenida Paulista, Brasil ..	69
Figura 15. Local: Campo 24 de Agosto, Porto	80
Figura 16. Local: São Lázaro, Porto.....	80
Figura 17. Vista área através do Google Earth dos trilhos que cruzam os jardins da Esplanada dos Ministérios em Brasília, Brasil .....	85
Figura 18. Local: Casa da Música, Porto .....	91
Figura 19. Local: São Lázaro, Porto.....	91
Figura 20. Alguns exemplos dos <i>Qrcodes</i> colocados nos respectivos lugares das histórias.....	97
Figura 21. Algumas reacções ao projecto <i>Troca de Sonoridades</i> .....	102
Figura 22. Algumas das imagens captadas dos Indivíduos seguindo o seu percurso com o <i>Strait Line</i> .....	106
Figura 23. Algumas das imagens captadas dos percursos marcados durante o projecto.....	107

Figura 24. Imagem onde se pode ver a rampa de cimento mais os percursos marcados durante o projecto ..... 108

Figura 25. Um dos percursos desvendados no projecto ..... 109





# Capítulo 1

## 1. Contexto

Pode-se dizer que esta dissertação é o amadurecimento e o culminar de vários conceitos e interesses que fui recolhendo e abordando ao longo do meu percurso académico e pessoal. Sempre foi do meu interesse reflectir sobre questões e acontecimentos do quotidiano, na expectativa de compreender melhor a relação entre corpo e Espaço e, de alguma forma trabalhar a nível artístico as próprias experiências e acções do Indivíduo.

No projecto *Object Trouvé* (objecto do quotidiano), realizado na licenciatura de Artes Plásticas e Intermédia na ESAP, no âmbito da disciplina de Som, iniciei a pesquisa da relação entre corpo e som, e por sua vez os efeitos no Espaço envolvente.

Foi possível constatar que as vibrações provocadas pelos movimentos corporais têm a capacidade de modificar um som existente no Espaço. O projecto consistia numa instalação sonora (projectada para uma Galeria) composta por um microfone de contacto colocado numa lâmpada comum e ligado a um amplificador de forma a intensificar o som (ao ponto de ser insuportável) produzido por esta no nosso dia-a-dia e que muitas vezes já não é possível a percepção da sua presença devido à habituação. O que se pretendia, e tendo como referência o artista Marcel Duchamp<sup>1</sup> ao criar e manifestar-se através do *ready-made*<sup>2</sup>, era transportar um objecto do nosso quotidiano para a arte e neste caso realizar a partir dele uma instalação sonora com o objectivo de chamar a atenção para a sonoridade espacial que nos envolve.

---

<sup>1</sup> Marcel Duchamp – Pintor, escultor e poeta francês. Responsável pelo conceito de *ready-made*.

<sup>2</sup> *Ready-made* – Conceito iniciado por Marcel Duchamp, uma das manifestações antiarte do Dadaísmo. Apropriação de elementos já existentes, como objectos industrializados e do quotidiano, transportando-os para a categoria de obra de arte.

Todavia, ao activar o projecto e a circulação em torno do mesmo foi perceptível que o som que a lâmpada emitia começava a alterar-se, criando várias variações do mesmo som dependendo da quantidade de movimentos corporais que efectuava e da sua intensidade – andar, saltar, tocar, etc. Acabou então por ser uma instalação sonora participativa, presente durante um mês na 1ª Avenida | AXA<sup>3</sup>, onde o público abraçou o seu papel enquanto modificador e compositor da sonoridade daquele local, e através dos seus movimentos procurou todas as possibilidades de interacção que o projecto proporcionava, fabricando os mais diversos movimentos para conseguir os mais variados sons daquela lâmpada. Ao visualizar estas reacções/movimentos, foi quase como assistir a uma dança, a uma performance involuntária e sustentada na improvisação.

---

<sup>3</sup> 1ª Avenida | AXA – Projecto dinamizado pela Empresa de Desporto e Lazer do Município do Porto, Porto Lazer

Foi a partir daqui que comecei a olhar para os Indivíduos não só como meros espectadores, mas como peças essenciais para a construção de qualquer projecto, acreditando ser através deles e de tudo o que os compõem que a arte se desenvolve.



Figura 1. *Object Trouvé*, Catarina Rodrigues, 1ª Avenida | AXA, 2013

A pesquisa estendeu-se em outra instalação sonora – *Transformando o Vazio em Cheio* – realizada para os Jardins de Serralves durante os dois dias do evento Serralves em Festa<sup>4</sup> 2013. Foram trabalhadas as relações entre som e corpo nomeadamente, o que o som pode provocar num corpo, como por exemplo estimular a sua criatividade e imaginação. Esta era composta por 5 sensores de movimento em que cada um abrangia uma determinada área mapeada com 3 a 4 sons diferentes, através de um programa de mapeamento espacial. O objectivo era provocar as mais diversas reacções nos Indivíduos presentes, principalmente através do factor surpresa e preencher o espaço vazio num espaço cheio de espontâneas reacções e movimentos que desencadeavam interacções com o Espaço envolvente, mapeado com diversos sons.

---

<sup>4</sup> Serralves em Festa – evento anual com entrada gratuita (museu e jardim), organizado na Fundação de Serralves e que consiste em 40h non-stop de actividades e apresentações de trabalhos de vários artistas.

Para conseguir o factor surpresa, foram instalados sensores de movimento escondidos no jardim em que os sons eram apenas reproduzidos com o movimento/presença de um corpo humano.

Devido a este corpo desprevenido, sem conhecimento de alguma intervenção naquele local sendo surpreendido por um som vindo do interior do jardim, foi possível a geração e captação das mais variadas reacções sempre de uma forma espontânea e lúdica. Os sons seleccionados também ajudavam para este factor surpresa – som de máquina de dentista, de uma campainha, de pratos a partir, de uma porta a ranger, de uma vaca a mugir, etc. - pois não eram esperados naquele local. Isto desenrolou-se numa grande quantidade de interacções que se desencadearam com o projecto/Espaço após a primeira reacção espontânea provocada pelo som inesperado.

Essas interações compunham-se com os movimentos corporais dos Indivíduos que tentavam accionar, agora propositadamente, os sons existentes naquele Espaço vazio, ou seja cada movimento era uma tentativa de descobrir onde, quantos e quais os sons que existiam naquele local.<sup>5</sup>



Figura 2. Transformando o Vazio em Cheio, Catarina Rodrigues, Serralves em Festa, 2013

---

<sup>5</sup> Link para o registo em vídeo das reacções e interações com o projecto *Transformando o Vazio em Cheio* - <https://www.facebook.com/artista.catarinarodrigues/videos/880387461976466/>

É já no mestrado que começo a entender o Espaço Público como múltiplo de possibilidades na procura de relações entre corpo e Espaço no dia-a-dia. Nele foram observadas as dinâmicas e práticas construídas pelas acções dos Indivíduos enquanto transitam nele, e é ao fazer esta leitura do Espaço que identificamos a sua identidade.

O percurso no MADEP focalizou-se, fundamentalmente na aproximação e parceria com a população, dedicando-se a estimular e exercitar a sua criatividade e memória ao mesmo tempo que, através de entrevistas e pesquisas se iam descobrindo as dinâmicas e práticas (como as vivências e as memórias que vão compondo o passado e o presente) que conseguem construir e moldar o Espaço Público.



Esta procura começou com o “Workshop 3 abordagens espaciais”, realizado no 1º Semestre e acabou por direccionar os projectos do 2º Semestre idealizados para as Fontainhas no Porto. Foi o caso da instalação sonora *Escutar atrás das Portas* e a performance *Correio das Memórias – Fontainhas* inspiradas no trabalho “Arquipélago” do artista Paulo Mendes<sup>6</sup>, ambas em cooperação com a comunidade que habita o local, onde esta partilhava as suas histórias, vivências, memórias e experiências relacionadas com o Espaço que habitam de maneira a dar-lhes visibilidade. Algo que também estava presente era este quase jogo de público versus privado, por exemplo na performance existia algo supostamente privado, como a Carta.

---

<sup>6</sup> Paulo Mendes – Artista plástico, professor, curador e comissário independente português

Porém, esta iria ser lida em voz alta em pleno Espaço Público, e assim também o era a instalação sonora que consistia em gravações com as vozes dos locais contando as histórias que nele se passaram quase em modo de sussurro, dando a sensação para quem as ouvisse de que estava a escutar a conversa de alguém, daí a ter como título *Escutar atrás das Portas*.

Direccionei assim, através do meu percurso, a presente dissertação para a investigação das dinâmicas e práticas espaciais, aqui denominadas por Narrativas Espaciais. A estas é atribuído o lugar de obra de arte onde o papel de artista/performer passa para o próprio Espaço e os Indivíduos que nele transitam. Assim sendo, as perguntas de investigação que esta dissertação procurou estudar e analisar são:

- De que forma as acções corporais do quotidiano do Indivíduo podem influenciar na composição das Narrativas do Espaço Público em que transita?

- De que maneira podem estas Narrativas Espaciais serem observadas através da acção performativa?
- Como se pode identificar e sobressair o papel das acções corporais do Indivíduo como criador/artista e os seus efeitos resultantes como obra de arte?

Os locais abordados são lugares de passagem, como por exemplo áreas próximas a estações de transportes públicos, onde não são logo perceptíveis as ligações entre Espaço – Indivíduo nem a sua identidade/Narrativas Espaciais, apresentando uma falta de consciência sobre o que as suas acções, por mais mínimas e fugazes, provocam na identidade do local.

“Franz Erhard Walther<sup>7</sup> (...) pretendia ampliar no espectador a consciência das relações espaciais ligadas ao espaço real e ao tempo real. (...) Going On (1967) (...) Quatro participantes entravam cada um numa bolsa e, no fim do trabalho, tinham entrado e saído de todas as bolsas, alterando a configuração original do tecido através das suas acções ” Goldberg<sup>8</sup> (2012: 204)

Expectou-se alcançar esta ligação e consciencialização, através das acções, experiências, histórias e memórias, ou seja a partir das Narrativas Espaciais que constituem o local e que são provocadas pelos Indivíduos. Pretendeu-se também estimular e exercitar o lado criativo e imagético do Indivíduo e fazer sobressair a sua identidade assim como a do Espaço e consequentemente a identidade colectiva.

---

<sup>7</sup> Franz Erhard Walther – (1939 -) artista alemã que nos anos 60 procurava ir contra a ideia que se tinha do artista, assim o seu trabalho focava-se na estética que dependia da interacção do espectador com o objecto.

<sup>8</sup> Roselee Goldberg – (Durban, África do Sul) historiadora, autora, crítica, curadora de performances artísticas e professora.

A investigação estrutura-se em dois campos de acção:

- Corpo teórico – estudo fundamentado em referências bibliográficas e trabalho de campo; levantamento do lugar – entrevistas, registos de observação e de áudio, pesquisa histórica e cronológica do lugar;
- Prática artística – propostas com carácter colaborativo, colocando os Indivíduos a participar, tanto directa como indirectamente, na tentativa de desvendar e estimular ligações/relações entre ambos, com o propósito de encontrar as suas Narrativas e por consequência a real obra de arte.

Todos os projectos que complementam esta dissertação são de alguma forma participativos ou convidam a tal, implicando a passagem do corpo alienado do Indivíduo para um corpo participativo, e com os seus movimentos resultantes e interactivos para um corpo performativo. O Indivíduo deixa de ter o papel comum de espectador - como quando assiste a performers/músicos de rua - para passar ao papel principal, ou seja o próprio performer e criativo.

Sendo assim, a relevância fundamental desta investigação foi fazer sobressair a sua individualidade enquanto Ser e como quem inscreve algo no Espaço Público com a sua passagem distinta da do outro.

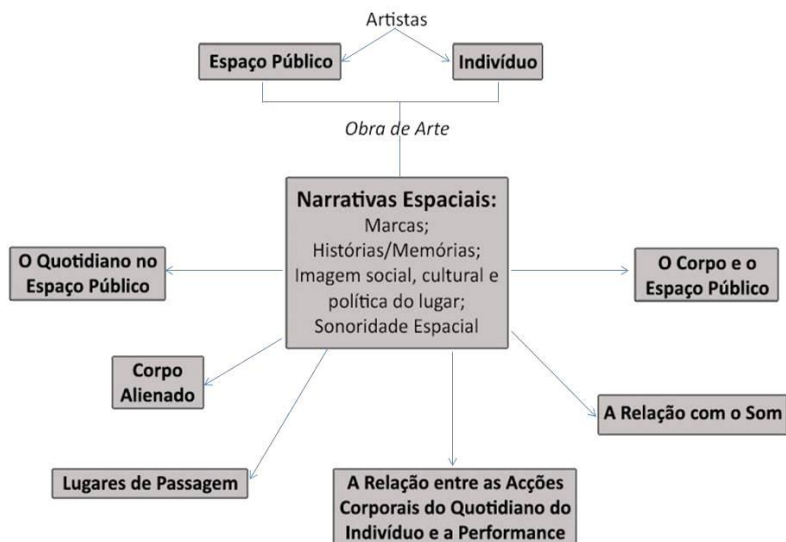


Figura 3. Diagrama de conteúdos da dissertação

## 1.1. Narrativas Espaciais

O Espaço Público carrega várias dinâmicas e práticas, variantes de local para local, que podem ser observadas através de uma leitura atenta do mesmo e no seu conjunto retirar uma conclusão sobre a sua identidade.

Os elementos que compõem este conjunto desenrolam-se quando o Espaço Público se cruza com o Indivíduo e, essencialmente, as suas acções corporais que se transformam em marcas, em histórias, em experiências ou como esta dissertação denomina em Narrativas Espaciais.

Ao longo desta dissertação, o termo Narrativas Espaciais é várias vezes mencionado em substituição do termo comum de dinâmicas e práticas espaciais, que como já se referiu são as características de cada lugar.

Optou-se pela utilização deste termo, devido a esta investigação pensar e ver o Espaço Público como uma compilação de histórias que contam a imagem do mesmo e onde o papel de personagem principal é encarado por ele e pelos Indivíduos com que se cruza.



Ao processar este pensamento/teoria na escrita desta dissertação, sente-se a necessidade de realçar esta importância do Espaço Público e do Indivíduo pela construção de obras públicas (Narrativas Espaciais), e como tal é sempre apresentado na pesquisa com a inicial em maiúscula como acontece com os nomes próprios. O que também acontece quando falamos do que eles produzem, as ditas obras Narrativas Espaciais.



# Capítulo 2

## 2. O Quotidiano no Espaço Público

Entende-se o quotidiano como um conjunto de várias acções praticadas pelos Indivíduos consciente e inconscientemente no seu dia-a-dia, e que acabam por resultar na rotina de cada um. Por conseguinte, o Espaço Público é preenchido por as mais variadas tramas e fluxos compostos pelas rotinas dos Indivíduos que ocupam e percorrem o Espaço.

Acredita-se que na maior parte do tempo, as acções que englobam o quotidiano são desvalorizadas, principalmente pelos próprios Indivíduos despercebidos das consequências que estas acções trazem para o Espaço Público, para a sua identidade e por consequência para o seu dia-a-dia. Michel de Certeau <sup>9</sup> (1998) identifica que os Indivíduos subconsciente ou conscientemente se vão apropriando de tudo o que a cultura de massa foi produzindo, acabando por modificá-la e alterá-la a seu favor. Certeau investigou na sua obra o modo como as pessoas se (re)apropriam do que a cultura de um determinado Espaço lhes oferece com o objectivo de lhes dar uma nova forma e utilidade no seu quotidiano. O autor identifica esta actuação por parte dos Indivíduos como uma tática – (re)apropriação das práticas do quotidiano – em prol de (re)inventarem a cultura local, concluindo que a cultura e por sua vez o Espaço Público se encontram em constante mutação.

---

<sup>9</sup> Michel de Certeau – (1925 – 1986) historiador francês com um vasto conhecimento e pesquisas nas mais variadas áreas como a psicanálise, a filosofia, as ciências sociais, a religião, a história e o misticismo.

Sendo assim, não será possível afirmar e analisar o Indivíduo como produtor de Espaço na medida em que as suas acções quotidianas resultam na produção de cultura, identidade e Espaço? E em que medida actua este produtor dentro do contexto do quotidiano? Poderá o que ele produz ser considerado arte? E se sim, em que modos?

A dissertação procura investigar estas questões e encontra o seu caminho quando Certeau encara as práticas do quotidiano como “artes de fazer”, ou seja o que resulta da (re)utilização que os Indivíduos dão aos produtos e às práticas culturais. É devido a essas (re)invenções e (re)criações culturais que eles acabam por poder ser considerados produtores ao criarem novas práticas – “artes de fazer” – onde a estética recai nos conceitos reaccionais e relacionais que suportam o desencadear destas práticas abandonando qualquer conceito de contemplação.

Para o autor, como aqui concordamos, o acto de leitura da escrita ou de uma imagem faz com que o leitor seja ao mesmo tempo produtor de uma nova versão, apropriando-se dessa leitura ao assinalar e ao rabiscar a sua própria interpretação.

Michel de Certeau examina as artes do fazer do Indivíduo como uma reacção de oposição à cultura de massa que o poder e as instituições foram delimitando. Porém e seguindo a teoria de Michel Foucault<sup>10</sup> (1979), uma grande parte do nosso dia-a-dia é comandado por mecanismos de “micropoderes”<sup>11</sup> geridos por instituições, como Escola, Igreja, entre outras, reguladas pelo poder (Estado) oriundas da evolução e desenvolvimento da modernidade, levando a uma maior acentuação do quotidiano.

---

<sup>10</sup> Michel Foucault – (1926 – 1984) filósofo, filólogo, pesquisador/historiador, teórico social e crítico literário. Apoiava-se num pensamento crítico quanto à modernidade.

<sup>11</sup> Exemplos de “micropoderes” – Igreja, família, etc.

Defende-se que as acções dos Indivíduos são executadas tanto intencionalmente como comandadas pelas instituições, ora realizadas dentro do conceito de oposição à cultura de massa, ora regidas pela sua rotina pré-elaborada pelas opções que as instituições lhes fornecem. Assim sendo, com a acentuação crescente do quotidiano ao ocupar cada vez mais o dia do Indivíduo não lhe deixa muito mais tempo para experienciar espontaneamente a cidade. Isto faz com que a sistematização das suas acções acabe por torná-las comuns – algo habitual e constante – o que resulta num desatento e numa inconsciência sobre aquilo que poderá causar e até criar no Espaço Público. Tal, acresce no centro das grandes cidades onde o dia-a-dia do Indivíduo se encontra cada vez mais emaranhado nas suas obrigações diárias regidas em horários rigorosos e sistemáticos, onde qualquer acontecimento que excepcionalmente se distinga do que é habitual significa uma quebra na rotina. Esta pode ser percebida quase como um despertar do estado em que o corpo do Indivíduo se apresenta e caracteriza quando preso a ela – Corpo alienado.

Desta forma, acredita-se numa acção intencional de relações díspares entre a criação de algo novo ou o reaproveitamento e reutilização que contribui para a mutação de algo existente, ainda que inconsciente do seu resultado como impacto que desempenha imperativamente na identidade espacial. Tal demonstra que as acções/práticas espaciais são responsáveis pela mutação e produção dos Espaços urbanos. Assim, é através das suas práticas espaciais que os Indivíduos impõem características nos locais que frequentam e transitam, construindo a leitura e a identidade que os próprios retiram do local.

## **2.1. Corpo Alienado**

Numa primeira análise, podemos considerar o estado dos corpos dos Indivíduos que transitam no Espaço Público automatizados pela sua rotina como corpos alienados.



Isto é, apresentam falta de interesse e consciência para com o que os envolve, para com as suas próprias acções e para o que elas podem provocar na identidade de cada lugar que passam.

Assim sendo, iniciou-se uma abordagem a este corpo na expectativa de lhe estimular o interesse e consciência por tudo o que o envolve e o impacto que tem nessa envolvimento. Com a acção performativa *A Subida do Olhar* pretendeu-se ter um impacto estimulante para os Indivíduos deixando-lhes um convite para abandonarem na sua rotina a alienação do seu corpo, permitindo a passagem para um corpo consciencializado e observador de todos os detalhes da cidade/Espaço Público, compreendendo todas as Narrativas Espaciais do seu envolvente. Este olhar analítico sob a cidade irá oferecer ao Indivíduo novas descobertas e percepções do Espaço Público.

A performance foi realizada por duas vezes no jardim do Marquês de Pombal no Porto, devido a existir no seu subterrâneo uma estação de Metro e por ser uma zona central o que acaba por causar bastante fluxo de Indivíduos.

Esta foi executada por três performers que caminhavam por entre os Indivíduos como se eles próprios estivessem a cumprir meramente a sua rotina. Os performers, seguindo sempre o percurso lado a lado iniciaram-no com a cabeça direccionada para o chão representando o corpo alienado concentrado apenas nas suas obrigações diárias e negando a descoberta do que o envolve. Para reforçar esta alienação, os performers seguiam olhando para o telemóvel - objecto que tem vindo a agravar este estado corporal – reproduzindo cenas diárias dos Indivíduos presos aos seus telemóveis e redes sociais parecendo por vezes viverem mais uma vida virtual do que a própria realidade.

Após percorrerem metade do jardim, os performers pararam em sintonia e trocaram de objecto, substituindo o telemóvel por um macaco manual.

Sendo este objecto de carácter mecânico e igualmente comum no quotidiano ele vem representá-lo, fazendo com que a sua activação, nesta performance, signifique que embora tenhamos uma rotina diária a cumprir é possível não negar o envolvente desses percursos. O objecto encaixava no pescoço e queixo, de forma a dar a possibilidade, com a sua activação, a elevação da cabeça dos performers até subirem o seu olhar o suficiente para lhes dar a capacidade de perceberem todo o Espaço e não apenas o chão ou o telemóvel. Só depois desta subida do olhar é que os performers puderam prosseguir a sua caminhada pelo Espaço Público com uma nova visão sobre o mesmo.

O guião da performance foi assim elaborado para que fosse transmitido aos Indivíduos presentes que o corpo apenas se encontra preparado para caminhar pela cidade quando a sua visão analítica está activada, caso contrário ele apenas o atravessa.

O objectivo com esta performance para além da crítica à automatização do corpo inserido na sua rotina foi deixar um convite a todos os presentes para retirarem os “olhos do chão”, como do telemóvel, para que abandonem essa alienação do corpo tão conhecida no dia-a-dia da cidade, permitindo o conhecimento de tudo o que os envolve e que, para além de fazerem parte, são eles mesmos produtores do Espaço Público.



Figura 4. Imagens retiradas do vídeo<sup>12</sup> realizado da performance *A Subida do Olhar*

---

<sup>12</sup> Link para o vídeo - <https://youtu.be/tx0PLcJ3UA>

Ao caminhar concentrado num único objectivo, como por exemplo de chegar ao local pretendido, acaba-se por perder as múltiplas experiências sensoriais que o Espaço Público nos oferece através das suas Narrativas Espaciais e, por consequência perde-se a oportunidade que ele dá, diariamente a quem nele circula, de o viver, usufruir e experimentar. Isto acaba também por criar o conceito de lugar de passagem.

## **2.2. Lugares de Passagem – Experimentação/Levantamento do Lugar**

Podemos considerar e caracterizar determinados Espaços como lugares de passagem, àqueles que são diariamente afectados pela aceleração que o dia-a-dia dos Indivíduos tem vindo a sofrer devido à evolução das cidades, da sociedade e até da tecnologia.

Marc Augé<sup>13</sup> (1994) considera os lugares de passagem como não-lugares, precisamente devido a serem caracterizados pela mobilidade e pelo fluxo de pessoas existentes nele e pela forma como os corpos atravessam o Espaço com desapego. Para ser considerado lugar, as relações sociais e espaciais têm de ser evidentes, requerendo uma ocupação do Espaço urbano. Embora Augé incline esta consideração para locais como aeroportos, centros comerciais, supermercados, estações de transporte público e os demais que apresentam características idênticas a estes, quer-se considerar o centro da cidade tanto como lugar e como um não lugar, isto é um lugar de passagem. Acredita-se que os centros das cidades, onde existe mais concentração tanto de ocupação como de movimento por parte dos Indivíduos são diariamente confrontados com a sua dualidade: ora lugar pela sua ocupação ora não lugar pela movimentação, passagem e desapego dos Indivíduos.

---

<sup>13</sup> Marc Augé – (1935-) etnólogo e antropólogo francês.

A presente dissertação quis focar-se nos quotidianos existentes no centro do Porto, tendo como base o percurso das rotinas – casa, trabalho, escola, convívio, família, etc... – abordando áreas próximas a estações de transporte público. Para uns serão lugares de passagem e para outros serão lugares ocupados (Espaços vividos), pois no centro da cidade a probabilidade de encontrar uma estação de transporte público em cada esquina é quase certa o que coincide com locais onde acontecem as mais diversas vivências.

Realizou-se o levantamento nas áreas propostas, próximas a estações de transportes públicos onde se encontraram as mais variadas e diferenciadas dinâmicas e práticas de quotidianos. Este permitiu dar seguimento ao trabalho prático concretizado, assente nestas Narrativas Espaciais, procurando todos os seus desdobramentos que caracterizam a identidade individual e colectiva dos lugares/não lugares e dos Indivíduos que o transitam.

Esta análise focou-se no tempo/memória, história/vivência, passado/presente, sonoridades espaciais e sons padrão (conjunto de sons do Espaço Público e os sons produzidos pelos movimentos corporais dos Indivíduos que transitam nele).

O levantamento do lugar dividiu-se em duas fases, a primeira ocupou-se da percepção e experimentação do lugar evoluindo para a segunda fase onde se começou a pesquisar a história (passado – presente) do lugar e a abordar os Indivíduos. Esta abordagem foi com o interesse de incorporar a colaboração e a partilha entre esta investigação e os Indivíduos.



O levantamento realizou-se através de gravações, de entrevistas, de captações e de registos de matéria (memórias e sonoridades), entre outras ferramentas úteis na descoberta e exposição destas Narrativas Espaciais, permitindo a recolha da identidade individual e colectiva dos dois elementos que acompanham esta investigação – Espaço Público e Indivíduo –, como também da descrição das experiências sensoriais, da interpretação e da leitura que os Indivíduos têm e fazem do Espaço em que transitam no seu dia-a-dia.

Estas duas fases culminaram num agrupamento de todo o material recolhido e (re)construído entre o Espaço Público e o Indivíduo para a concretização dos projectos (Narrativas Espaciais) realizados com a expectativa de dar voz e visibilidade às componentes espaciais muitas vezes invisíveis, ou seja à identidade individual e colectiva de ambos. Permitindo às Narrativas Espaciais a atribuição de uma posição no contexto da arte urbana onde os seus criadores/artistas são o Espaço Público e os Indivíduos, quando se encontram e/ou se relacionam.

No jardim do Marquês de Pombal no Porto, o que mais se destacou na composição visual do Espaço foram os trilhos nos jardins construídos pelo caminhar do Indivíduo que “corta” diariamente caminho por eles. Este fenómeno despertou interesse em se perceber até onde iria essa força sistemática e automática do Indivíduo ao atravessar estes trilhos, e se ao modificá-los continuariam a seguir caminho por ele sem sequer repararem nas alterações ou se iriam desviar o seu percurso diário?



Figura 5. Exemplos de alguns trilhos encontrados no jardim do Marquês de Pombal, Porto

Foram também encontrados perto da estação de metro da Lapa estes trilhos marcados na relva pelo caminhar sistemático dos Indivíduos.



Figura 6. Vista aérea através do Google Maps dos trilhos na relva encontrados perto da estação de metro da Lapa, Porto

Continuando esta procura obsessiva por marcas deixadas pelos Indivíduos no Espaço Público, reparou-se nas pegadas permanentemente impressas e gravadas no cimento ou pavimento. Este fenómeno deve-se maioritariamente à desatenção e ao automatismo do quotidiano de cada Indivíduo.

Confrontado com algo inesperado e fora do normal, como por exemplo cimento fresco, negando as devidas sinalizações e avisos existentes num local em obras.

As pegadas despertaram curiosidade em desvendar as suas Narrativas Espaciais, bem como a história e o percurso que o Indivíduo em questão percorreu até e depois de gravar a sua pegada no Espaço Público, inclusivamente a sua simples forma visual. O acto/técnica de gravação cometida e toda a sua carga poética e subjectiva acabou por se desvendar fascinante ou no mínimo interessante.



Figura 7. Pegadas encontradas impressas no Espaço Público (Porto: Boavista, Campo 24 de Agosto e São Lázaro)

# Capítulo 3

## 3. O Corpo e o Espaço

“O homem se relaciona com o espaço através do corpo, este é a mediação necessária a partir da qual nos relacionamos com o mundo e com os outros – uma relação com os espaços-tempos <sup>14</sup> definidos no cotidiano.” A. F. A. <sup>15</sup> (2014: 474)

Como já foi demonstrado, o Espaço Público encontra a sua identidade na sua urbanística e nas dinâmicas socioculturais e políticas que nele se desenrolam, por consequência das acções, vivências e experiências daqueles que habitam e transitam nele.

---

<sup>14</sup> Espaços-tempos – Dimensão espacial onde estão situadas as relações que acontecem em um determinado Espaço e em um determinado tempo.

<sup>15</sup> Ana Fani Alessandri Carlos – Geógrafa e professora brasileira. Aborda as transformações espaciais como se identifica no seu ensaio “O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade”.

Ele constrói-se e transforma-se com a produção e produtividade do Indivíduo, da mesma forma que também dá a capacidade ao Indivíduo de desenvolver o seu corpo espacial, conforme analisado por Henri Lefebvre<sup>16</sup> (2006). Como “ (...) produto e produção de um espaço, dele recebe imediatamente as determinações: simetrias, interacções e reciprocidades de acções, eixos e planos, centros e periferias, oposições concretas, ou seja, espaço-temporais.” Lefebvre (2006: 156) e que necessita ser, tal como Lefebvre explica segundo a teoria de Leibniz<sup>17</sup>, um corpo que ocupa o Espaço, “Não o corpo em geral, a corporeidade, mas um corpo definido, que indica uma direcção de um gesto, uma rotação se revirando, que demarca e orienta o espaço.” Lefebvre (2006: 137).

---

<sup>16</sup> Henri Lefebvre – (1901 – 1991), filósofo marxista e sociólogo francês. Explorou também áreas como a matemática, linguística e história.

<sup>17</sup> Gottfried Wilhelm Leibniz – (1646 – 1716), filósofo, professor, cientista, diplomata e matemático alemão. Abordou as mais diversas áreas como filosofia, política, religião, história, literatura, entre outras.

O autor dividiu a produção do Espaço em três fases ou momentos inseparáveis do Indivíduo, as quais denominou dentro de uma abordagem fenomenológica em "prática espacial", "representação do espaço" e "espaços de representação" e numa abordagem linguística e semiótica entendeu-as por "percebido", "concebido" e "vivido". Ou seja, o Espaço concebe-se não só pela sua ocupação utilitária, mas imperativamente através de uma ocupação relacional dos Indivíduos com este (experiências, vivências, acções) que se desfecha na geração e desenvolvimento do lugar.

"O 'homem' jamais deixa de alinhar seu espaço, de balizá-lo, de marcá-lo, de deixar traços ao mesmo tempo simbólicos e práticos; 'ele' não pode deixar de figurar nesse espaço mudanças de direcção, de rotações, seja em relação a seu corpo considerado como centro, seja em relação a outros corpos (demarcação [sinalização] em relação aos corpos celestes, ângulos de iluminação [esclarecimento] afinando a percepção angular)." Lefebvre (2006: 154)

Neste seguimento retira-se, que as relações que se sucedem entre corpo (Indivíduo) e Espaço – (ocupação relacional – “percebido”, “concebido” e “vivido”) – resultam e são traduzidas na construção de marcas visíveis ou invisíveis – Narrativas Espaciais – o que significa a elaboração da identidade do lugar. Percebe-se esta identidade não só por todo o seu conjunto de resultados das relações entre Espaço e Indivíduo, mas também por toda a memória e história que transborda, numa mistura de passado, presente e futuro.

Como tal, e numa visão antropológica o Indivíduo define-se num corpo social e cultural sendo produto e produtor das regras e dos valores culturais, e que segundo Marcel Mauss<sup>18</sup> (2003) é um corpo que está sempre em desenvolvimento com a informação que absorve da sociedade a que está exposto, sendo as suas acções eco das actuações sociais.

---

<sup>18</sup> Marcel Mauss – (1872 - 1950), professor, editor, sociólogo e antropólogo francês.



Porém, além de se analisar as acções corporais do Indivíduo como eco das actuações sociais é preciso compreender o papel desempenhado pelo seu existencialismo – corpo vivido, representante do conceito de corporeidade<sup>19</sup> –, na produção do seu corpo, da cultura e da sociedade.

“ (...) corpo, não apenas como objeto da cultura, mas como também dotado de agência própria, não apenas como receptáculo de símbolos culturais, mas como produtor de sentido.” Maluf<sup>20</sup> (2001: 88)

---

<sup>19</sup>Corporeidade – Corpo que se compreende e se constrói a partir das suas vivências corporais/sensações/experiências, na procura do seu sentido e do seu posicionamento no mundo.

<sup>20</sup> Sônia Weidner Maluf – Professora e pesquisadora nas áreas da antropologia urbana, do contemporâneo e das Narrativas, de estudos de género e de políticas públicas, do corpo e religiosidades brasileiras. Autora de “Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas” pelo departamento de Antropologia — UFSC.

Como estuda Maurice Merleau-Ponty<sup>21</sup> dentro da fenomenologia, o corpo é repleto de expressão que se movimenta/expressa numa relação com o Espaço não só intencional, mas actuando também regidos pelas suas sensações e percepções que acabam por se manifestar através do mesmo, até quando o próprio não tem intenção de revelar esses sentimentos. É preciso então, não pôr de lado este corpo em constante expressão que existe, vive, sente e que procura sempre em conhecer e produzir o seu sentido, o do outro e o do Espaço em cada experiência/vivência. Além de um eco social, de um produto da cultura e da sociedade quis salientar-se fundamentando com Lefebvre, Maluf e Merleau-Ponty que o Indivíduo é definitivamente produtor destes mesmos elementos através da sua própria experiência com o Espaço.

---

<sup>21</sup> Maurice Merleau-Ponty – (1908 – 1961), filósofo fenomenólogo francês.

Pode-se dizer que este corpo quando se relaciona com o Espaço, dentro do seu contexto de quotidiano, vive numa dualidade entre o corpo alienado, já analisado anteriormente no **Capítulo 2** (e que se pode corresponder ao que se acabou de abordar sobre as suas acções serem eco das actuações sociais e entre o corpo vivido) onde a sua expressão corporal se impõe perante a generalidade do seu quotidiano. Assim o é, porque antes de qualquer coisa somos um ser que sente e com uma expressão indomável.

Desta forma, a própria cultura e sociedade/identidade do Espaço é moldada e representativa da dualidade deste corpo. Tal pode ser exemplificado, como se referiu no subcapítulo **Lugares de Passagem – Experimentação e Levantamento do Lugar**, através dos centros das cidades, por serem confrontados com a dualidade entre lugar e não-lugar criados por este corpo.

Contudo, é nesta dualidade que o corpo marcado pelas suas vivências e histórias dá uso à sua corporeidade, ou seja a forma como age através do seu corpo. Esta actuação está em constante desenvolvimento ao longo da sua vida, através do intercâmbio de informação (social, cultural e corpórea) com os outros corpos e com o Espaço, e é essa corporeidade que o distingue do outro (corpo) e que o faz impor no Espaço em que se movimenta.

O interesse por esta corporeidade do corpo e pelo Espaço vivido<sup>22</sup> em que se desloca começou a ser foco de interesse com a idealização dos projectos *Escutar atrás das Portas* e *Correio das Memórias – Fontainhas*, já referidos acima no **Contexto**. Ambos os projectos recaem exclusivamente nas práticas corporais que constroem e espalham as suas histórias e memórias num Espaço Público, neste caso concreto delimitado à zona das Fontainhas no Porto.

---

<sup>22</sup> Espaço vivido – Espaço apropriado pelos Indivíduos de forma utilitária, criando uma imagem do Espaço sustentada em memórias de vivências/histórias/experiências.

O propósito era desvendar e dar visibilidade à identidade do lugar através das suas memórias, construídas pelas experiências e práticas corporais, que acontecem com a apropriação utilitária do local.

Devido à multiplicidade e diferenciação dos corpos e das suas práticas encontradas no Espaço Público, especialmente nos centros das grandes cidades, ele acaba por ser uma aprendizagem para todos os Indivíduos e para o desenvolvimento da sua corporeidade. Este desenvolvimento, para além de acontecer através das relações privadas (casa, família), é também conseguida ao nível espacial pelas relações conseguidas através do encontro e da troca de informação cultural e social entre o “eu”, o outro e o Espaço. Ou seja, este corpo está vinculado tanto à sua corporeidade como a uma noção de um corpo colectivo enquanto acontece o encontro com o Espaço e com os outros corpos.

“ (...) passamos, na nossa contemporaneidade, a uma nova relação conosco mesmos, com o mundo e com os outros que se manifesta numa identidade frágil, instável, descentrada, mutante, processual e inconstante à qual corresponde, pertinentemente, um corpo fragmentado e “metamorfótico”. Tucherman<sup>23</sup> (1999: 121)

As relações entre corpo e Espaço têm vindo a ser exploradas pelas mais diversas áreas e cada vez mais a nível artístico. Quer-se ressaltar o colectivo Os Espacialistas<sup>24</sup> pela forma como activam os seus corpos como reprodutores de arte no Espaço, questionando-o como área de criação, memórias e afectos.

---

<sup>23</sup> Ieda Tucherman – Professora brasileira, pesquisadora e publicadora de artigos nas áreas da Comunicação – Teoria da Comunicação, Filosofia e Estética. Abrangendo temas como o corpo, comunicação, tecnologia, subjectividade e cultura.

<sup>24</sup> Os Espacialistas – Colectivo composto pelos arquitectos portugueses Luís Baptista, João Cerdeira, Diogo Castro e Sérgio Serol. Trabalham entre a arte contemporânea e a arquitectura, utilizando essencialmente a fotografia devido ao seu factor documental, de esquisso e pela sua capacidade de manipulação. Por vezes também desenvolvem instalações e vídeos. Denominam as suas acções/exercícios no Espaço como ginástico/conceptuais.

Utilizando os seus corpos, o colectivo manipula o Espaço de forma conceptual, irónica, poética e lúdica, construindo novas situações espaciais com objectos presentes no quotidiano e na natureza. Estas acções/manipulações, através dos seus corpos, descendem de uma observação atenta do Espaço onde procuram as suas propriedades e potencialidades, focados na compreensão das relações espaciais e na metamorfose do Espaço corporalmente e simbolicamente habitado.

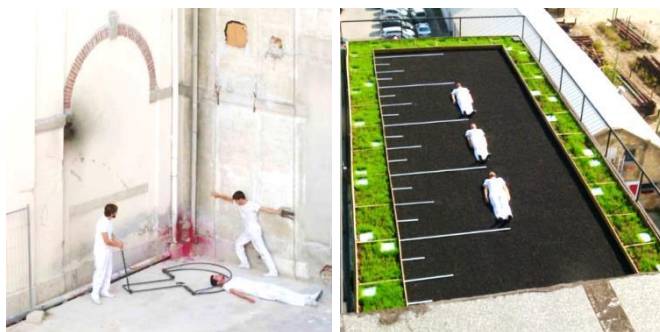


Figura 8. Os Espacialistas, “O Piscocenho”, 2011, fotografia, Red Bull House of Art<sup>25</sup>

Figura 9. Os Espacialistas, “O Piscocenho”, 2011, fotografia, Red Bull House of Art<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> “Campus de Treino - Exercícios Ginásticos de Espaço” – Descrição da fotografia escrita pelo colectivo na sua página <https://www.facebook.com/espacialistas>

### 3.2. A Relação com o Som

O som é algo que nos acompanha no nosso dia-a-dia, ele propaga-se no Espaço através de ondas sonoras que são perceptíveis ao nosso sistema auditivo, por sua vez limitado a frequências entre 20Hz<sup>27</sup> e 20.000Hz.

Cada local tem uma sonoridade característica, tal como cada Indivíduo, ora seja pelo mais óbvio como a fala ou maneira de falar ou até mesmo pela forma de andar que acaba por criar sons característicos de pessoa para pessoa. Já as sonoridades espaciais são compostas pelas Narrativas Espaciais que se desenrolam no Espaço, como por exemplo os sons provocados pelos Indivíduos através das suas acções e experiências no mesmo.

---

<sup>26</sup> Red Bull House of Art – residência artística realizada pelos Os Espacialistas, situada na Lx Factory em Lisboa.

<sup>27</sup> Hz – Símbolo de Hertz, unidade de medida para frequência.



O corpo do Indivíduo para além de acrescentar é também capaz de alterar sons que já se encontram no contexto do Espaço Público, contudo o som tem também o poder de provocar experiências sensoriais no Indivíduo.

“ (...) o som abre um campo de interações, para se tornar um canal, um fluido, um fluxo de voz e urgência, de jogo e drama, de mutualidade e partilha, para em última análise esculpir uma micro geografia do momento, já sempre enquanto desaparece, como um distribuidor e sensível propagação.” Labelle<sup>28</sup> (2010: XVII)<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> Brandon Labelle – Artista, escritor e teórico que trabalha o som, a performance, textos e construções localizados no contexto do Espaço Público.

<sup>29</sup> “ (...) sound opens up a field of interaction, to become a channel, a fluid, a flux of voice and urgency, of play and drama, of mutuality and sharing, to ultimately carve out a micro-geography of the moment, while always already disappearing, as a distributive and sensitive propagation.” Labelle (2010: XVII)

Brandon Labelle (2010) apresenta uma relação entre estes três elementos – corpo/Espaço/som – e conclui que a acção de caminhar do transeunte produz sons acústicos que, por sua vez fazem parte da sonoridade daquele local.

O andar, como outros movimentos corporais, é assim analisado como influenciador na alteração de sons já existentes no local, e sendo assim encara-se o Indivíduo como um performer com os seus movimentos corporais e activo/participativo na medida em que produz a própria sonoridade espacial.

Este tipo de influência do corpo sob o som foi já testado no projecto *Object Trouvé* referido acima no **Contexto**, onde através de uma instalação sonora interactiva se analisou a forma como as vibrações provocadas pelos movimentos/acção corporal dos Indivíduos, produzem e geram alterações nos sons presentes no dia-a-dia que normalmente passam despercebidos ao se presenciarem misturados em toda a informação existente no Espaço.

Neste caso, foi testado com o som proveniente de um objecto do nosso quotidiano (lâmpada).

O som consegue ser bastante interessante no contexto da arte, derivado à possibilidade que ele nos dá para imaginar e de cada pessoa poder criar uma imagem diferente na sua mente para o mesmo som. Não existe nenhuma imagem ou objecto físico a definir a sua forma e cor, o que dá a liberdade a cada um de criar mentalmente uma imagem para um determinado som, como acontece quando se lê um livro. O exemplo mais óbvio é quando falamos ao telefone com alguém, o nosso cérebro obriga-se a formular uma imagem para a voz que estamos a ouvir e a imaginar o que se passa do outro lado através dos sons que vamos captando.

“ (...) ouvir tornou-se totalmente um ato de projecção imaginária e transferência, ocupando normalmente uma zona temporal onde a fonte visual foi suspensa e reconfigurada de acordo com a associação auditiva.” Labelle (2010: XX)<sup>30</sup>

Esta possibilidade de criatividade que o som nos dá, pôde ser testada no projecto *Transformando o Vazio em Cheio* também já referido no **Contexto**. Todavia, devido ao excesso de peso do equipamento preciso para a instalação não foi possível ficar escondido nos ramos das árvores como tinha sido projectado, tendo sido colocado num género de caixa assente no jardim. Isto poderá ter alterado algumas reacções porque após o espectador encontrar a caixa os seus movimentos passaram de reaccionais e espontâneos para movimentos intencionais, procurando uma relação entre objecto-Espaço.

---

<sup>30</sup> “ (...) listening became more fully an act of imaginary projection and transference, often occupying a temporal zone where a visual source was suspended and reconfigured according to auditory association.” Labelle (2010: XX)

O estímulo da imaginação gerada pelo som, em que automaticamente obriga o ouvinte a criar uma imagem na sua mente relativa ao que ouviu, deixa de existir a partir do momento em que existe uma imagem ou objecto físico a que possa corresponder o som. Assim, deve-se à particularidade que o efeito do som tem, descrito por Jean-François Augoyard<sup>31</sup> (2006) como “efeito onnipresença”. Isto quer dizer que o som, principalmente no Espaço Público, dificulta ou impossibilita a localização da sua fonte.

“Por causa das suas particulares condições de propagação favorecem a deslocalização da fonte sonora (...)” Augoyard (2006: 131)<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> Jean-François Augoyard – De nacionalidade francesa, é estudioso de filosofia, estética, sociologia, ciências musicais e planeamento urbano é teórico, professor e o seu trabalho se baseia em investigações sobre a percepção de formas arquitectónicas, performances artísticas no Espaço urbano, a antropologia do espaço sonoro, teoria do ambiente urbano e atmosferas.

<sup>32</sup> “Because of their particular conditions of propagation favoring the delocalization of sound sources (...)” Augoyard (2006: 131)

Tanto o projecto *Object Trouvé* como *Transformando o Vazio em Cheio* aprofundam a relação entre som, corpo e Espaço: a influência que os movimentos corporais têm na composição da sonoridade espacial e, por sua vez na identidade sonora do Espaço; o suposto público com o papel de performer; a capacidade que o som nos dá, na medida em que ouvi-lo seja um acto de imaginação na procura de uma associação formal para o mesmo devido há inexistência de uma referência visual; e através desta articulação entre audição e imaginação, que acaba sempre por ser distinta de pessoa para pessoa, despertar a individualidade de cada Indivíduo.

Ao nível desta característica criativa e ilusória do som, tem-se como referências os artistas Anna Karin Rynand e Per-Olof Sandberg<sup>33</sup> com a instalação sonora “Sound Showers” realizado no Aeroporto de Oslo e “Homage Jackson Pollock” para a exposição “The Homage Exhibition” na Associação de Arte de Trondheim. A instalação “Sound Showers” apresentava-se com uma forma similar à de um chuveiro e com um círculo marcado no chão no sentido de convidar as pessoas a colocarem-se no seu centro. Ao entrar no círculo os sensores captavam a presença do corpo e accionavam sons relaxantes como água, criando a sensação por breves momentos de ser realmente um chuveiro e capaz de criar uma experiência sensorial relaxante.

---

<sup>33</sup> Anna Karin Rynand e Per-Olof Sandberg – Artista e engenheiro, têm trabalhado em colectivo desde 1993 com trabalhos envolvendo a arte e a electrónica, tendo como ferramenta principal o computador.

“Homage Jackson Pollock”, concretizado para um contexto de galeria, compunha-se por uma tela crua com o verso preenchido com 42 mini colunas que reproduziam sons de tinta a ser derramada, com ajuda de um *software*, que permitia desenhar a trajetória/movimento que pretendemos que o som faça. Ele calcula a amplitude necessária e as variações para simular o movimento do som sobre a superfície da tela, possibilitando ao espectador a ilusão de haver mesmo tinta a ser derramada e a movimentar-se por toda a tela.

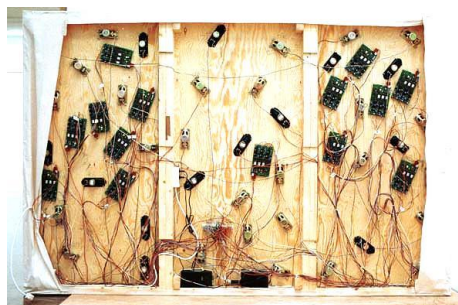


Figura 10. Anna Karin Rynander e Per-Olof Sandberg, “Sound Showers”, 1998, instalação sonora interativa, Aeroporto de Oslo

Figura 11. Anna Karin Rynander e Per-Olof Sandberg, “Homagem Jackson Pollock”, 1993, tela sonora, “The Homage Exhibition” na Associação de Arte de Trondheim



Contudo, ambos os projectos incluem ao som uma imagem física que de alguma forma o representa, direccionando e gerando a mesma percepção e imagem a qualquer pessoa. Não deixa de estimular a imaginação e criatividade, porém não a trabalha de uma forma individual como aqui se espera, através da exclusão de qualquer representação física, com o propósito de deixar o som trabalhar e actuar por si mesmo, sem excesso de informação visual.

Outra referência artística sobre a relação entre corpo, Espaço e som é a artista Jessica Thompson<sup>34</sup> com a obra “Walking Machine” em que trabalha o corpo como matéria audível, a sua relação com o Espaço Público e proporciona novos movimentos no dia-a-dia do transeunte como se pode entender pelo que Labelle refere do trabalho da artista:

---

<sup>34</sup> Jessica Thompson – Artista que explora interações sociais dentro do Espaço Público através do som, performance e tecnologias móveis

“ (...) o espaço físico do Transeunte é complementado por uma adição virtual, onde ‘a tecnologia tornou-se inibidor, facilitando uma experiência sónica elevada que liberta o usuário de convenções normais de comportamento público’.”<sup>35</sup> Labelle (2010: 103).

Neste trabalho, a artista dava a experimentar uns auscultadores ligados a um mini amplificador conectado a um microfone de contacto (vibrações) e permitia ao usuário escutar os sons que o seu andar produzia nos mais diversos pavimentos, texturas e objectos.



Figura 12. Jessica Thompson, “Walking Machine”, 2003-2004, Som e Corpo, Psy-Geo-Conflux em Nova Iorque

---

<sup>35</sup> “ (...) the physical space of the walker is supplemented by a virtual addition, where ‘ technology becomes an enabler, facilitating a heightened sonic experience that liberates the wearer from normal conventions of ‘public behavior’.” Labelle (2010: 103)

Porém, no trabalho da artista Jessica Thompson apenas cada pessoa poderia ouvir o som do seu andar sem conseguir ter termo de comparação com os diferentes sons que os outros emitem com a mesma acção, neste caso o andar/caminhar. Cada pessoa tem um ritmo diferente ao andar e uma intensidade distinta da do outro, isto depende da maneira de andar e do peso de cada um, e como resultado o som que o andar produz diverge de pessoa para pessoa. Assim sendo, o andar é uma característica que nos define, por exemplo acontece ouvirmos o caminhar de alguém e sem a ver sabemos quem é através do ritmo/maneira de andar.

### **3.3. A Relação entre as Acções Corporais do Quotidiano do Indivíduo e a Performance**

A performance surgiu em movimentos como o Futurismo, o Dadaísmo, o Surrealismo e na escola da Bauhaus. Embora estas estéticas se debrucem sobre conceitos e preocupações distintas, ambos conseguiram moldar a performance a favor de cada um, resultando nas mais variadas experimentações interdisciplinares mas sempre com o mesmo objectivo de quebrar com a arte convencional (manifestações anti arte).

Foram muitos artistas que começaram a interligar objectos, acções ou factores do quotidiano para a performance artística. Terá começado entre os anos 50 e 60, a partir da dança, que incorporava actividades do dia-a-dia como por exemplo o andar.

Foi mais tarde que Jim Dine<sup>36</sup> elevou esse conceito de quotidiano e começou a utilizar a performance como uma continuação do próprio quotidiano. Neste caso, ao contrário de Dine, acredita-se que podemos observar e alcançar a performance através do quotidiano em tempo real, da mesma forma que Piero Manzoni<sup>37</sup> se concentrava nessa realidade do dia-a-dia no seu próprio corpo.

Nesta dissertação, o interesse recai nas acções corporais do quotidiano do Indivíduo sobre o Espaço retirando-lhe o papel de espectador para afirmá-lo como peça fundamental para a construção da obra (Narrativas Espaciais) juntamente com o Espaço Público. Sendo assim, a obra é tudo o que tiver origem nos efeitos da acção corporal do quotidiano do Indivíduo dentro das possibilidades que o Espaço Público lhe concede.

---

<sup>36</sup> Jim Dine – (1935), artista / pintor Pop americano, um dos pioneiros a desenvolver *happenings*.

<sup>37</sup> Piero Manzoni – (1933 – 1963), artista italiano conhecido pelas suas obras conceptuais.

Este papel do corpo como criador pôde já ser analisado nas performances de Yves Klein<sup>38</sup>, tal como Goldberg refere, o artista " (...) chegou à conclusão de que não precisava, de modo algum, de pintar a partir de modelos (...) «Elas transformaram-se em pincéis vivos (...)» Encantado com o facto de essas monocromias serem criadas a partir da «experiência imediata»." Goldberg (2012, 182)

A pesquisa acredita e encara os movimentos corporais do quotidiano do Indivíduo inseridos no contexto de Espaço Público, como uma performance onde o guião é a sua própria rotina carregada de actos contínuos e sistemáticos. Estes acabam por se afirmar no lugar, mas também em memórias construídas espacialmente, no mesmo sentido em que Regina Polo Müller<sup>39</sup> une os conceitos da antropologia e da arte abordando performances culturais como uma estética do corpo, dos rituais e das danças indígenas.

---

<sup>38</sup> Yves Klein – (1928 – 1962), artista francês, o seu trabalho a nível da Arte Europeia foi bastante importante após a Segunda Guerra Mundial.

<sup>39</sup> Regina Polo Müller – Antropóloga brasileira (etnologia indígena e antropologia estética). Trabalha também áreas como a dança, a performance, o teatro e o vídeo.

Reunindo estas duas disciplinas, as suas performances são comandadas imperativamente pela acção de fazer (algo). Aqui nesta dissertação, focalizada no quotidiano dos Indivíduos presentes no centro do Porto, observa-se a rotina e as suas acções de fazer como performances culturais (rituais) tal como Müller aborda. Ou seja, explora-se uma estética, e desta forma uma estética relacional <sup>40</sup> nos encadeamentos (Narrativas Espaciais) entre Indivíduo (corpo – acção e corporeidade) e Espaço Público (social, cultural e natureza). Expectando uma melhor compreensão cultural e social do Espaço, mas fundamentalmente o estudo da expressão corporal, bem como a forma como o corpo marca o Espaço em que transita e toda a corporeidade que nele desenvolve.

---

<sup>40</sup> Estética relacional – Apropriação de elementos comuns no quotidiano do Indivíduo.

As artistas Eleonora Fabião<sup>41</sup> e Ana Teixeira<sup>42</sup> constroem uma estética relacional nas suas performances direccionando-as em acções relacionais pelo encontro entre artista, transeuntes/participantes e Espaço Público. Para tal, ambas criam situações/acções onde expandem o seu íntimo (casa) recorrendo a objectos desse quotidiano no Espaço Público, de maneira a criar nele uma sensação e área de intimidade. Desta forma, conseguindo a envolvimento dos transeuntes ao situá-los nos seus espaços íntimos, expandidos na rua, e ao desenvolver uma relação afectiva entre as diferentes partes envolvidas. Ambas abordam o corpo pela sua capacidade de constante desenvolvimento e pelas inúmeras possibilidades das espontâneas reacções relacionais entre ele, as artistas e o Espaço.

---

<sup>41</sup> Eleonora Fabião – (1968 -), performer, professora e teórica brasileira na área da performance.

<sup>42</sup> Ana Teixeira – artista plástica e performer brasileira. Utiliza vários meios nos seus trabalhos como desenho, instalação, intervenções urbanas, fotografia e vídeo.



A performance é para elas um meio de criar relações entre os Indivíduos, à partida desconhecidos entre si, e compreender como interagem neste contexto.

Assim, se pode observar na performance “Converso sobre qualquer assunto” de Eleonora Fabião, onde a acção de fazer passa para a acção de conversar - comunicar. Esta acção é vista pela artista como um processo artístico e estético, capaz no momento de criar uma nova imagem na paisagem e no ambiente do Espaço, novas relações entre os presentes e talvez, futuramente a quem presenciou, uma associação do sucedido a esse determinado local. A performance consegue uma aproximação relacional e íntima com os transeuntes do Espaço Público devido a estratégias pensadas pela artista, como por exemplo levar duas cadeiras da sua cozinha (do seu quotidiano íntimo) para a rua construindo uma área íntima para quem quisesse participar e simplesmente sentar-se e conversar do que quisesse.

Na verdade não era o assunto que interessava mas sim o momento relacional criado entre artista, transeunte/participante e Espaço Público.



Figura 13. Eleonora Fabião, “Converso sobre qualquer assunto”, 2008, performance, Largo da Carioca, Rio de Janeiro

Já a artista Ana Teixeira dá uso da acção escutar na sua performance “Escuto histórias de amor”, proporcionando também uma área de troca de relações íntimas e afectivas em plena rua. Conseguido igualmente através do uso estratégico de objectos/situações do quotidiano íntimo da artista, neste caso o uso do tricô enquanto esperava calmamente por um participante.

Enquanto o ouvia a contar a sua história de amor era criada uma relação de confiança, de partilha, de intimidade, de confiança e de afecto entre a artista e o participante. É neste sentido relacional que a artista procura trabalhar no Espaço Público de modo a conseguir interacções espontâneas com o outro, a construir experiências relacionais entre ambos e por consequente a criar uma imagem visual, como se de uma encenação se tratasse para aqueles que passam e vêem a performance.



Figura 14. Ana Teixeira, “Escuto histórias de amor”, 2012, performance, Avenida Paulista, Brasil

Contudo o que se propõe nesta dissertação, ao contrário destas duas artistas que utilizam o seu corpo como instrumento das suas performances de forma a ser estimulador para a criação de um campo de relações e de “ (...) comunicação artístico, estético, político e social.” Giordano<sup>43</sup> (2004: 47), é observar o quotidiano no Espaço Público pela sua própria estética, sendo o dia-a-dia do Indivíduo a sua performance através da sua actuação corporal e reflectida na sua participação para a criação da identidade do Espaço.

“Pensa-se o corpo enquanto criação de um sujeito performativo, capaz de agir sobre o mundo.” Daflon Leite<sup>44</sup> (2012: 1)

---

<sup>43</sup> Davi Giordano – Actor, director, escritor e professor brasileiro de teatro.

<sup>44</sup> Renata Daflon Leite – Actriz e pesquisadora brasileira de estudos culturais a partir da relação entre memória social e a performance.

Tal como se veio a analisar no desenvolvimento desta investigação, o corpo do Indivíduo tem uma força imparável no Espaço, desenvolvendo-se em conjunto com a troca e partilha entre ambas as partes. As suas relações acontecem diariamente e naturalmente, todavia ficam numa dimensão espacial que as torna invisíveis àqueles que não percebem o Espaço atentamente. Como tal, esta pesquisa entende o artista/investigador como intermediário, utilizando a sua sensibilidade e percepção espacial em busca destas invisibilidades (Narrativas Espaciais) com o objectivo de as tornar visíveis, analisando apenas o que pertence ao quotidiano dos Indivíduos quando se relaciona com o Espaço Público. Ou seja, o que a eles é comum e portanto que se traduz em elementos das suas próprias vidas no Espaço e que facilmente outros se poderão identificar e relacionar.

“O valor estético dessa proposta é buscar a poética dessas pessoas do dia-a-dia, cujas vidas muitas vezes passam invisíveis na rua. São figuras anónimas que ganham visibilidade e cena contemporânea.”  
Giordano (2004: 42)

## Capítulo 4

### **4. Espaço Público + Indivíduo (Artistas) = Narrativas Espaciais (Obra de Arte)**

Conseguindo já perceber-se que apesar do corpo do Indivíduo inserido no contexto do seu quotidiano no Espaço Público poder ser considerado numa primeira análise um corpo alienado, ele na verdade é também composto pelo seu corpo vivido. Ambos coabitam o mesmo corpo, tal como a investigação tem vindo a analisar, como construtor das Narrativas Espaciais que compõem cada local. Ao ponto de mesmo inconscientemente, conseguir alterar o Espaço Público com a sua passagem através das suas experiências, acções, rotinas e vivências.

A pesquisa até então elaborada baseia-se na procura de compreender o papel de rotineiras acções/movimentos corporais do Indivíduo ao interagir com o Espaço, na composição das Narrativas Espaciais, para assim se poder abordá-las como práticas artísticas – resultantes do corpo performativo do Indivíduo – capaz de (re)criar o Espaço. É através da performance do seu dia-a-dia que o Indivíduo tem a capacidade de (re)criar/(re)produzir Espaço – imagem e leitura que se retira dele – logo essa criação de identidade espacial é a sua arte construída juntamente com as possibilidades que o Espaço lhe concede.

Recaindo o interesse no estudo da posição destes corpos face à sua influência sob os Espaços Públicos em que transita, a investigação teve como objectivo a implementação de projectos no Espaço Público que dessem visibilidade às performances executadas na rotina dos Indivíduos ao percorrerem os seus locais diários.



Estas performances, criadas pelas acções/movimentos corporais dos Indivíduos são aqui abordadas em tempo real mas sobretudo baseadas na pesquisa da história, da memória, das experiências e das vivências – Indivíduo e Espaço – traduzidas através de registo ou recriação, expectando torná-las visíveis a todos no próprio Espaço em questão.

Aqui, o Indivíduo não é de maneira nenhuma visto com o papel comum de espectador da obra de arte, mas sim com o papel principal. O próprio performer/artista que (re)cria com as suas acções corporais/práticas artísticas o Espaço, conseguindo assim a sua arte. Esta arte, igualmente como quase tudo no Espaço Público, tem a sua efemeridade visto que o corpo encontra-se em constante desenvolvimento, acabando por igualmente colocar o Espaço Público em constante mutação como já se pôde fundamentar nesta dissertação.

Este pensamento tem muito como referência o trabalho de Joseph Beuys<sup>45</sup>, onde ele pensava o objecto e o gesto artístico no contexto da vida humana, defendendo que a arte deveria ser a base da educação humana por ela ser a melhor consciencialização para ampliar os poderes e as forças do ser humano, atribuindo ao pensamento e ao diálogo a primeira forma de escultura. Foi na V Documenta de Kassel, que através de vários diálogos com os visitantes o artista produziu alguns objectos e o livro "Cada Homem um Artista"<sup>46</sup> que reúne essas conversas. Assim, demonstrou que a arte é uma acção pública, principalmente para provocar no espectador uma mudança de postura e de comportamento.

---

<sup>45</sup> Joseph Beuys – (1921 – 1986, Alemanha) Artista que utilizava vários meios e técnicas como escultura, happening, vídeo, performance e instalação

<sup>46</sup> "Every man is an artist" Joseph Beuys

Seguindo este artista como exemplo, a relevância fundamental desta investigação é identificar as acções públicas dos Indivíduos – acções executadas no Espaço Público - como as suas práticas artísticas manifestadas através da sua performance diária e que resultam em obras não só escultóricas mas também sonoras, poéticas, históricas, entre outras formas artísticas.

Sendo assim, intencionava-se com esta pesquisa tornar visíveis as inscrições e (re)construções/(re)criações provocadas pelas acções do Indivíduo no Espaço Público com a sua passagem. Esta passagem sempre distinta da do outro, implicando trabalhar e sobressair a corporeidade de cada Indivíduo. Expectando também, com o trabalho prático, despertar estes corpos para a compreensão de que as suas acções contribuem, tanto positiva como negativamente para o desenvolvimento e transformação dos espaços da cidade em que transita e vive, bem como estimular uma melhor percepção e vivência sobre os seus locais diários.

Como tal, iniciou-se este processo com a elaboração da mini publicação *Guia para uma Obra de Arte no Espaço Público* que ilustra informalmente a investigação desta dissertação – Espaço Público + Indivíduo (Artistas) = Narrativas Espaciais (Obra de Arte). Espalhou-se várias cópias desta publicação pelas estações de transporte público do centro do Porto, na expectativa de serem vistas pelos Indivíduos que por elas passassem. A ilustração ensina de uma forma simplificada e directa como o Indivíduo pode e consegue criar uma obra de arte no Espaço Público.

Como foi fundamentado até então, esta capacidade no corpo do Indivíduo de se impor e criar Espaço deve-se às suas acções e movimentos que decorrem no seu dia-a-dia – práticas artísticas do quotidiano, ou como Certeau as descrevia “artes do fazer” – comandadas tanto pela informação cultural e social de um determinado Espaço [pelos próprios mecanismos e instituições que compõem os percursos e horários de certa rotina (Trabalho, Escola, Família, Igreja, etc...)], como pelo corpo próprio que tenta desenvolver e impor a sua corporeidade em relação ao Espaço e aos outros.

A mini publicação é de carácter informativo e educativo, tendo apenas esse propósito sem expectar outra interacção a não ser a sua leitura e compreensão.



Figura 15. Local: Campo 24 de Agosto, Porto



Figura 16. Local: São Lázaro, Porto

## 4.1. O Corpo que se Inscreve no Espaço

A pesquisa direccionou-se na procura de marcas que os corpos dos Indivíduos vão inscrevendo no Espaço Público nas suas mais variadas formas. Como tal, quis-se abordar e identificar alguns exemplos destas inscrições corporais (visíveis ou invisíveis) que alteram o Espaço e como consequência a sua identidade, que como já se referiu são as obras de arte que os Indivíduos produzem no e com o Espaço Público. De maneira que se estruturou o trabalho prático na pesquisa destas obras e fundamentalmente as suas formas que poderão manifestar-se a vários níveis como:

- Visual – Ex. Percursos marcados com pegadas nos pavimentos cimentados e os trilhos que através do caminhar vão sendo construídos em jardins;

- Histórico – Ex. Histórias, vivências e experiências entre Indivíduo e Espaço Público (Passado Vs. Presente);
- Sonoro – Ex. A sonoridade que o corpo cria no Espaço, como a sua possibilidade criativa e que estimula a imaginação;
- Poético – Ex. A subjectividade do Espaço Público, dos Indivíduos que nele circulam e do que ambos criam quando se interceptam.



A acção mais evidente e com maior relevo nesta dissertação, principalmente a nível prático, é o caminhar pois para além de ser através dele que se consegue percorrer a cidade e vivenciá-la, este também consegue imprimir-se no Espaço. Esta acção tem a capacidade de transformar um lugar tanto simbólica como fisicamente, como podemos retirar do livro “Walkspaces” de Francesco Careri. O autor estuda e analisa o caminhar ao longo da história e aborda esta acção corporal como um utensílio e um acto criativo capaz de modificar e configurar a paisagem/Espaço.

Para Francesco Careri é fundamentalmente uma forma autónoma de arte sendo uma ferramenta estética de conhecimento e de modificação física do Espaço atravessado que se transforma em intervenção humana.

Podemos observar esta teoria na história urbanística da zona do Bonfim e Heroísmo no Porto, Portugal. Segundo se pôde apurar no livro “Bonfim – Território de Memórias e Destinos” de Jorge Ricardo Pinto, algumas das ruas que existem actualmente nestas zonas iniciaram-se em caminhos rurais criados pelo acto de caminhar dos Indivíduos, de forma a poderem transitar entre as propriedades. Os exemplos dados são a viela da Póvoa, a rua das Doze Casas e a travessa da China, porém referem na existência de mais inúmeras situações idênticas a estas.

Tem-se também como exemplo real e de inspiração para este estudo, uma situação mais recente na Esplanada dos Ministérios em Brasília, Brasil. Os seus vastos jardins eram diariamente pisados de forma a cortar caminho de um local para o outro, o que resultou em inúmeros trilhos/percursos marcados na relva por imposição. Apesar de vários esforços a recolocar a relva nos locais “afectados” do jardim viam-se sempre confrontados pela imposição do corpo do Indivíduo sobre o Espaço, neste caso com as falhas ou trilhos criados pelo seu caminhar.

Com isto, tomaram a posição de se renderem à acção corporal do Indivíduo e pavimentaram todos os trilhos presentes nesse extenso jardim.



Figura 17. Vista área através do Google Earth dos trilhos que cruzam os jardins da Esplanada dos Ministérios em Brasília, Brasil

Ambos os exemplos referidos provam que uma simples acção corporal consegue alterar o impacto visual de um determinado *site*, começando por marcá-lo com o seu corpo até ao ponto de conseguir impor a sua inscrição nele como permanente.

Porém o caminhar não se manifesta apenas visualmente, como já se referiu no subcapítulo **A Relação com o Som**, ele produz sons que variam nas texturas do Espaço e com os diferentes movimentos e características corporais do Indivíduo. Mesmo num sentido efémero e momentâneo o Indivíduo consegue alterar o Espaço, neste caso a sonoridade espacial com o comum acto de caminhar no seu dia-a-dia. Tal como se investigou no projecto *Object Trouvé* explicado no **Contexto**, onde se reparou que as frequências e vibrações provocadas pelo caminhar dos Indivíduos modificava o som amplificado de uma lâmpada comum presente nos seus quotidianos. Todavia, é devido ao facto de ser um acto comum na rotina do Indivíduo que acaba por ser desvalorizado pelo mesmo, tal como tudo o que possa surgir a partir dele. Contudo, é preciso que percebam a importância e o seu papel na capacidade de transformar e (re)criar o Espaço em que os próprios circulam e mais que isso, onde vivem.

Para tal, sempre foi o objectivo desta investigação dar visibilidade às suas criações espaciais de forma a confrontá-los com as suas capacidades, na expectativa não só da sua valorização mas de lhes atribuir uma nova percepção sobre a forma como habitam o Espaço e as consequências que acarretam.

Ainda assim o acto de caminhar para além de se manifestar a nível visual e sonoro, ele é o responsável pelo deslocamento do Indivíduo pelo Espaço e a forma como este o experiencia juntamente com outras acções/movimentos provenientes do seu corpo e da sua corporeidade. É assim que o Indivíduo cria uma relação com o local, experienciando-o e vivendo-o, criando histórias nele e com os outros, que permitem criar uma imagem e leitura sobre um determinado Espaço dependendo daquilo que viveu nele. Estas histórias são importantes para cada Indivíduo, sejam acontecimentos individuais ou colectivos, construindo a imagem e a leitura da identidade do Espaço colectiva ou individualmente.

Embora estas histórias estejam invisíveis espacialmente após o seu acontecimento, elas encontram-se retidas na memória dos Indivíduos e do próprio Espaço quase como situadas numa dimensão espacial invisível.

## 4.2. Obra Visual

Como obra de arte visual, a investigação acredita que as pegadas encontradas no decorrer do levantamento do lugar em várias ruas do centro do Porto gravadas em cimento, são por si só obra de arte sem precisarem de ser manipuladas para tal. Isto, se pensadas como elemento visual do Espaço Público e como uma das muitas partículas que o compõem e, nomeadamente as suas Narrativas Espaciais. É com este pensamento em vista que surge o projecto *Obra de Museu*, assumindo as marcas que o corpo inscreve e imprime no Espaço Público, neste caso relativamente às pegadas gravadas em pavimento cimentado como obra de arte.

Sendo assim, o projecto elaborou-se numa procura incansável e obsessiva pelas pegadas que se encontram nos locais que esta investigação se propôs abordar.

Tal como o nome *Obra de Museu* sugere, esta marca/pegada é digna e ao nível de uma obra de museu e, como tal é preciso preservá-la e protege-la. Assim sendo, foram colocados perímetros de segurança envolta das pegadas encontradas em referência aos que se podem encontrar nos museus para proteger as mais prestigiosas obras. O perímetro é também acompanhado por uma etiqueta descrevendo a obra igualmente como em museus e exposições. A etiqueta refere o artista – Indivíduo desconhecido – e a técnica utilizada na obra – gravação em cimento.

O projecto tem um carácter irónico e lúdico, pois se analisarmos o surgimento desta marca concluímos que este fenómeno deve-se exclusivamente ao desatento e ao automatismo do quotidiano de cada Indivíduo confrontado com algo inesperado e fora do comum da sua rotina, como cimento fresco, negando as devidas sinalizações e avisos existentes num local em obras.

Como tal, quis-se com este projecto analisar o comportamento dos Indivíduos face aquele novo objecto no local e sobretudo a sua reacção à regra imposta pela função de um perímetro.

Como resultado surgiram as mais variadas reacções por parte dos Indivíduos: uns nem sequer olhavam, concluindo-se que nem sequer se aperceberam do novo objecto; outros desviaram-se dele, respeitando a função do perímetro de segurança; e outros foram mais além, parando com curiosidade, observando a obra e tentando compreendê-la. Aconteceram também outras situações pontuais, como um Indivíduo que entrou dentro do perímetro colocando os seus pés por cima das pegadas lá gravadas, ou como uma criança que sem querer derrubou um dos perímetros e o pai voltou atrás para o recolocar no seu sítio. Estas reacções foram registadas durante um máximo de uma hora após a colocação do perímetro, de forma a analisá-las e registá-las em fotografia e em vídeo<sup>47</sup>.

---

<sup>47</sup> Link para o vídeo - <https://youtu.be/IgNgBwZ2Nc4>





Figura 18. Local: Casa da Música, Porto



Figura 19. Local: São Lázaro, Porto

### 4.3. Obra Histórica

Ao longo deste estudo salientou-se a importância das vivências do Indivíduo no Espaço Público e como através delas a identidade e a leitura espacial se vão transformando. É através da experimentação de cada local que o Indivíduo constrói e retira a leitura do mesmo, o que se reflecte em histórias entre Indivíduo e Espaço Público que marcam ambos - ora na (re)construção do Espaço e das suas Narrativas Espaciais, ora no desenvolvimento da corporeidade dos Indivíduos. As marcas provenientes destas histórias/relações entre estes elementos podem manifestar-se visualmente no Espaço, como podem apenas pertencer à memória tanto individual como colectiva dos Indivíduos e do próprio local.

Observam-se estas histórias como acontecimentos espaço-temporais que ficam memorizadas numa dimensão espacial constituída pelas relações entre Indivíduo e Espaço, num tempo específico, que após o seu acontecimento ficam aí invisíveis aos olhares desatentos e desinteressados. Sendo assim, foi do interesse desta investigação dar visibilidade às vivências e às experiências dos Indivíduos no e com o Espaço Público, de forma a valorizá-las enquanto ferramentas para a construção da leitura e imagem do local (individual ou colectiva) na intenção de transmitir essa percepção aos seus próprios criadores (Indivíduos). Para além disto, e para as tornar visíveis era preciso primeiramente procurá-las entre os elementos que as viveram, despertando a sua memória e praticando a sua criatividade ao contar a sua história.

Tal, já tinha sido especulado com a idealização dos projectos *Escutar atrás das Portas* e *Correio das Memórias – Fontainhas* referidos no **Contexto**. Todavia, estes projectos corresponderam a um exercício a nível académico de propostas de projectos, sendo que não foram implementados. Inclusive a proposta *Escutar atrás das Portas* tinha a questão de como viabilizar a colocação de todo o material tecnológico (colunas, mp3s, sensores e baterias ou energia directa) que necessitava num Espaço Público, tanto a segurança do equipamento (roubo e factores meteorológicos) como a sustentabilidade e autonomia do mesmo. Como tal, sempre se expectou alcançar nesta investigação a concretização destas concepções de forma viável, conseguindo a sua implementação.

Nesta continuidade, idealizou-se e concretizou-se o projecto *Histórias da Cidade* que visa dar visibilidade às mais variadas histórias entre Indivíduo e Espaço Público, que determinam individual ou colectivamente para estes a percepção e a imagem que retiram desse determinado lugar.

O projecto completa-se em duas fases, sendo que a primeira consiste na procura e na compilação de histórias e a segunda e última na implementação das mesmas nos locais correspondentes.

Na primeira fase elaborou-se um processo colaborativo com os Indivíduos pedindo-lhes histórias das suas vivências e experiências no centro do Porto, que de alguma forma os marcaram e por consequente esse determinado lugar. Isto possibilitou exercitar tanto a memória dos Indivíduos como a sua percepção sobre o lugar marcado pelas suas histórias. Esta recolha foi realizada numa abordagem directa com os Indivíduos que percorriam o Espaço Público, o que revelou ser o meio mais eficaz, mas foi também espalhado pelo Porto e no *Instagram @narrativas\_\_espaciais* um texto explicativo do projecto onde se convidava a colaboração de todos os interessados enviando as suas histórias para o correio electrónico [narrativasespaciais@gmail.com](mailto:narrativasespaciais@gmail.com).

Certos parâmetros foram estabelecidos na recolha como, gravações apenas de áudio; manter-se o anonimato; responder ao pretendido [histórias entre Indivíduo e Espaço Público (neste caso no centro do Porto)] e especificar o local onde se desenrolou a história.

Após a edição de cada gravação, legendada em inglês de maneira alcançar o mais variado público e uma imagem estática do local correspondente à história, foram publicadas no canal de *Youtube Narrativas Espaciais* e criado um *QRcode* para cada. O que culminou na última fase, onde os *QRcodes* foram impressos e plastificados, de forma a ficarem mais resistentes às condições do Espaço Público, e espalhados pelos locais associados às suas histórias. Isto veio dar a possibilidade aos que por eles passassem de digitalizá-los através de uma aplicação para *smartphones* de leitura de *QRcodes* ou de copiar o *link* colocado em pequeno por baixo de cada um para poder ser procurado na *Internet*.

Desta forma, os que transitam pelos locais intervencionados com os *Qrcodes* têm a capacidade de ouvir estas gravações no próprio local da história e conhecer algumas das Narrativas Espaciais escondidas pelo Espaço. Obtendo assim, a visibilidade e a valorização das acções, das experiências e das vivências dos Indivíduos com o Espaço Público, que tal como já se referiu são como ferramentas para o desenvolvimento da identidade de ambos.



Figura 20. Alguns exemplos dos *Qrcodes* colocados nos respectivos lugares das histórias.

#### 4.4. Obra Sonora

A identidade do Espaço Público é em parte constituída pelas sonoridades presentes nele, acabando muitas vezes por se associar e identificar um determinado lugar pelos seus sons e sonoridades.

Os locais situados nos centros das cidades, tal como esta investigação se propôs a investigar – centro do Porto –, estão assoberbados de variados sons, sendo a maioria provocados pelo fluxo das rotinas dos Indivíduos.

No decorrer do levantamento do lugar concluiu-se que no meio desta panóplia de sonoridades predominam os sons produzidos: pelos transportes públicos; pelos automóveis e motorizadas, inclusive as suas buzinas; pelos murmures e vozes dos Indivíduos; e pelas obras de construção civil espalhadas pelo centro da cidade. Estes sons são produzidos através das acções dos Indivíduos no Espaço Público variando de local para local dependendo da sua envolvimento.



Mais uma vez percebe-se a capacidade das acções das performances diárias dos Indivíduos na (re)construção da identidade de um determinado lugar exprimindo-se em vários meios, neste caso através da (re)produção das sonoridades espaciais com a sua passagem e acções. Isto acontece, igualmente, num contexto privado como de uma casa, ou seja são também os Indivíduos que produzem os sons que existem no interior da sua habitação juntamente com outros factores (tal como no Espaço Público).

Quis-se portanto, trabalhar estes sons provenientes das acções dos Indivíduos, pelo facto de maioritariamente passarem despercebidos devido à sua sistematização, tornando-os comuns aos ouvidos de cada Indivíduo. Na expectativa de despertar esta audição acomodada ao que lhe é comum, explorou-se com o projecto *Troca de Sonoridades* as reacções dos Indivíduos quando confrontados com a mudança das sonoridades de um determinado lugar que normalmente correspondiam a outros sons.

Isto é, num contexto de Espaço Público foram acrescentados nele sons opostos e deslocados como os que são produzidos num contexto privado (casa), tal como sons: de tachos; de copos a partir; do chuveiro; do telefone fixo a tocar; do autoclismo; de uma porta de madeira a ranger e a bater; e de lavar os dentes. Estes sons deslocados também tinham o propósito de conduzir o Indivíduo a formular uma imagem na sua mente referente ao som que ouviu e com este processo trabalhar a sua criatividade/imaginação.

Para a realização deste projecto foi reutilizado o equipamento do projecto *Transformando o Vazio em Cheio* (Serralves em Festa 2013) – colunas, câmaras USB (sensores de movimento) e o programa de mapeamento *Zone Trigger* – apenas alterando os sons lúdicos para sons do quotidiano privado conforme referido anteriormente.

O equipamento foi colocado de forma discreta no gradeamento que separa o jardim da Faculdade de Belas Artes do Porto da Avenida de Rodrigues de Freitas, de maneira que se mapeou a Avenida com os sons accionados pelo movimento dos Indivíduos e o material ficou escondido do lado do jardim. É essencial para este projecto que todo o equipamento esteja devidamente escondido para se conseguir o “efeito omnipresença” que descreve a capacidade do som segundo Jean-François Augoyard (2006), conseguindo assim estimular a imaginação dos Indivíduos.

Além do confronto com esta troca de sonoridades testando a atenção dos Indivíduos, como a estimulação da sua criatividade, este projecto conseguiu provocar pequenos *happenings* espontâneos e reaccionais aos sons dentro das suas performances diárias.

Contudo, embora grande parte dos Indivíduos que accionaram os sons com a sua passagem tenham reagido a tal, ainda existiram determinadas situações em que se denotou a acentuação da alienação corporal, não tendo qualquer reacção aos novos sons introduzidos no Espaço Público.



Figura 21. Algumas imagens retirados do registo em vídeo das reacções ao projecto *Troca de Sonoridades*

## 4.5. Obra Poética

Retomando a observação, mencionada ao longo desta dissertação, sobre os trilhos que vão sendo construídos no dia-a-dia pelo caminhar sistemático dos Indivíduos quando atravessam por exemplo um jardim, desperta-se o interesse de trabalhar em torno desses mesmos trilhos. Porém, não só pela capacidade e influência do corpo na alteração física do Espaço Público, mas primordialmente pela carga poética que estes trilhos sustentam. Questionam-se as Narrativas Espaciais que eles escondem? Quantos percursos brotam dele? Que direcções tomam ou que “ruas”<sup>48</sup> constroem?

---

<sup>48</sup> Referência ao livro “Bonfim – Território de Memórias e Destinos” de Jorge Ricardo Pinto quando o autor menciona que alguns caminhos rurais criados pelo caminhar dos Indivíduos foram actualmente assumidas e reconstruídas como Ruas.

Poder-se-ia ter abordado estes trilhos como uma obra visual tal como as pegadas gravadas no cimento e, apesar de serem também considerados como uma obra visual, analisa-se algo para além do que está visível, como os vários percursos que partem dele. Quando observamos um trilho sabe-se exactamente onde ele começa e onde acaba, consegue-se por momentos acompanhar e saber o percurso executado por outro Indivíduo, mas a partir do momento em que o trilho acaba as inúmeras possibilidades de percursos e rotinas perdem-se no Espaço.

Neste seguimento concretizou-se o projecto *Quantos Percursos um Trilho tem?* de maneira a se perceber, num nível poético e efémero, até onde e em que direcção é que estes trilhos se estendem. Como tal e recorrendo ao trilho encontrado no levantamento do lugar perto da estação de Metro da Lapa no Porto, abordou-se os Indivíduos que por ele passaram durante duas horas.

Começou-se por explicar o que se pretendia, de forma a desvendar e assinalar os mais variados percursos que se estendem para além do trilho do jardim, ele mesmo construído pelo caminhar dos próprios e assim, de uma forma efémera criar as suas expansões.

Após esta abordagem, convidava-se o Indivíduo a continuar o seu percurso levando consigo a linha do *Strait Line*, parando apenas quando ela atingisse todo o seu comprimento. Posteriormente colocava-se a linha no chão esticando-a ao máximo e batendo-a contra o chão, de maneira a pintar uma linha vermelha nele. Assim, estas linhas representavam os mais variados percursos que partem do trilho e através da simbologia da cor vermelho – poder – transmitir a autoridade de um percurso, de um caminhar sistemático capaz de construir as suas próprias “ruas”.

Com este projecto, conseguiu-se dar visibilidade às Narrativas Espaciais que o caminhar sustenta, às suas direcções e opções comandadas pelo corpo do Indivíduo muitas vezes desatento da sua capacidade de construir o Espaço em que transita.

Contudo, no desenrolar deste projecto ao confrontar os Indivíduos com a sua importância na construção da imagem e percepção do Espaço denotou-se um grande interesse por parte dos Indivíduos abordados, não tendo existido ninguém que se tenha recusado a participar na construção deste projecto. No final, observou-se a passagem de um corpo alienado focado na sua rotina para um corpo que vive e experiencia, tornando-se com esta participação construtor da obra e por sua vez o artista/criador da mesma.

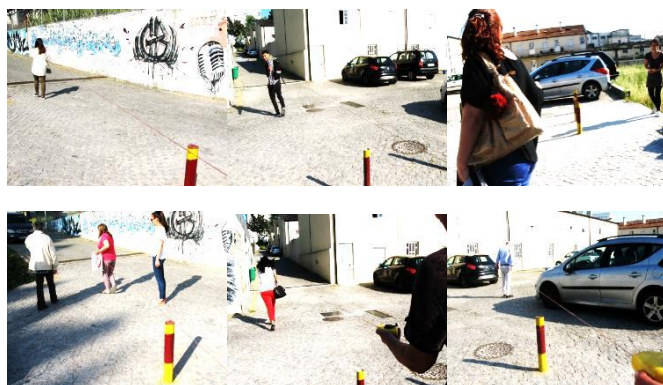


Figura 22. Algumas das imagens captadas dos Indivíduos seguindo o seu percurso com o *Strait Line*





Figura 23. Algumas das imagens captadas dos percursos marcados durante o projecto

Ainda no desenrolar deste projecto conseguiu-se mais uma vez assistir à imposição do caminhar no Espaço Público. Isto é, desde o Levantamento do Lugar até à execução deste projecto foi realizada uma rampa em cimento para facilitar a subida do trilho para a estrada que antigamente era ainda um obstáculo no percurso. Conseguiu-se perceber que esta construção era algo bastante recente pelos comentários positivos e surpresa por parte dos Indivíduos que por ela passavam.



Figura 24. Imagem onde se pode ver a rampa de cimento mais os percursos marcados durante o projecto

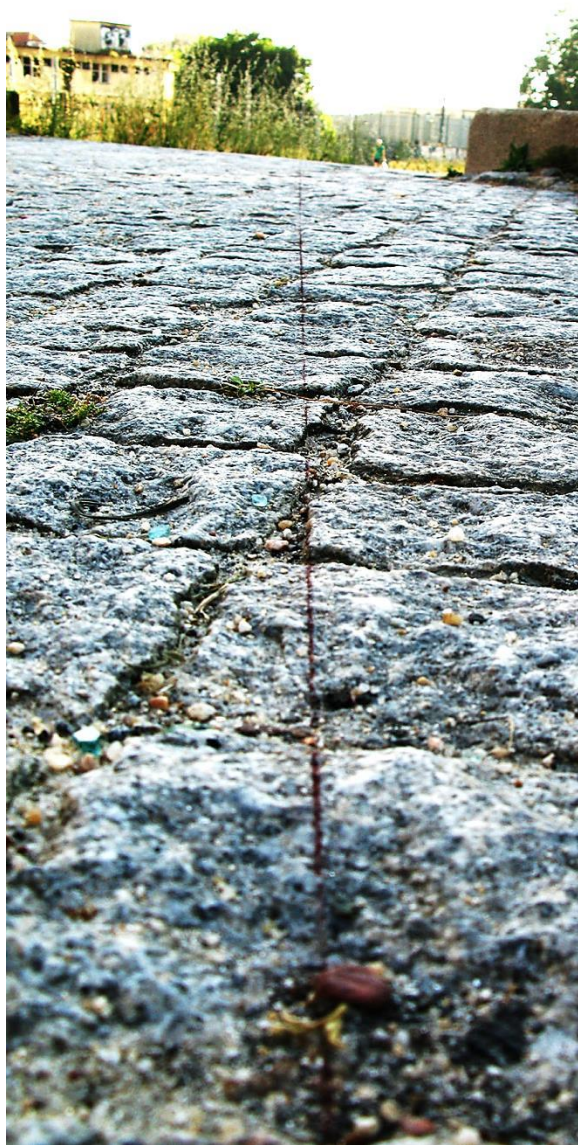


Figura 25. Um dos percursos desvendados no projecto  
*Quantos Percursos um Trilho tem?*



# Capítulo 5

## 5. Reflexão Crítica

Considerando os argumentos apresentados durante esta investigação, cumpriu-se com a expectativa de responder às questões que deram início a esta pesquisa, bem como compreender as suas conclusões:

- De que forma as acções corporais do quotidiano do Indivíduo podem influenciar na composição das Narrativas do Espaço Público em que transita?;

- De que maneira podem estas Narrativas Espaciais serem observadas através da acção performativa?;

- Como se pode identificar e sobressair o papel das acções corporais do Indivíduo como criador/artista e os seus efeitos resultantes como obra de arte?

Com esta pesquisa entendeu-se que o Espaço Público, e consequentemente as suas Narrativas Espaciais, se desenvolvem através do encontro com as acções corporais dos Indivíduos comandadas tanto pelos micropoderes que constituem os seus quotidianos como por toda a sua corporeidade e expressividade. Entendeu-se que estes corpos dentro do seu quotidiano se apresentam entre a dualidade de um corpo alienado (comandado pelos micropoderes) e de um corpo vivido (corporeidade), sendo que ambos, tendo ou não consciência, se vão reapropriando dos elementos espaciais e com isso (re)produzindo e (re)construindo o Espaço.

Como se pôde concluir basta a passagem dos Indivíduos no Espaço Público para marcar e delinear a sua identidade/Narrativas Espaciais, conseguindo manejar e alcançar várias formas e meios artísticos, tal como: a impressão e gravura da sua passagem através da pegada ou construção de trilhos em jardins que abreviam os seus percursos; o desenvolvimento da memória espacial com as suas vivências e histórias individuais ou colectivas; a alteração sonora do Espaço Público; como também todas as possibilidades poéticas que esta relação entre Espaço Público e Indivíduo provoca. Como resultado, concluiu-se que as acções corporais dos Indivíduos tanto constroem Narrativas Espaciais visuais, invisíveis, sonoras, históricas e poéticas.

A investigação culminou assim no entendimento da diversidade artística assente no Espaço Público, fascinada pela capacidade e técnica artística dos Indivíduos sobre este. Certamente já se constata a sua influência na cidade, porém foi ao contextualizar essas (re)produções e (re)criações de Espaço pela apropriação do mesmo pelos Indivíduos na arte, que se percebeu os inúmeros ou até mesmo infinitos elementos artísticos. Isto é, a partir do momento que considerarmos o próprio Espaço Público como uma construção e criação dos Indivíduos, todas estas marcas anteriormente mencionadas são como as suas obras de arte e eles mesmos os artistas. Para além destas construções podemos observar a rotina dos Indivíduos como a sua performance diária comandada por movimentos sistemáticos e ritualistas, por vezes surpreendida pela corporeidade do Indivíduo provocando *happenings* no seu desenrolar.



Necessitou-se portanto abordar pelo menos uma obra de cada meio/técnica artística proveniente da colaboração entre Espaço Público e Indivíduos, com a consciência do vasto espólio que ficou ainda por desvendar e identificar. Todos os projectos basearam-se na performance diária dos Indivíduos e o que eles vão construindo ao executarem-na, apenas identificando-as e confrontando os Indivíduos com as suas próprias criações. Foi com a introdução dos projectos e da interacção com os Indivíduos e o próprio Espaço que começou a ser evidente nesta pesquisa a tal passagem do corpo alienado para um corpo participativo, correspondendo assim com as expectativas deste estudo.

No final, percebeu-se que esta investigação foi como abertura de um Capítulo e não o seu encerramento. Pretende-se continuar com a pesquisa, pois conseguiu-se entender a sua imensidão e os inúmeros elementos artísticos que se podem encontrar nesta relação entre Espaço Público e Indivíduos.

É também devido ao facto de este estudo visionar e ter presenciado que ao confrontar o Indivíduo com as suas próprias criações espaciais, este vai adquirindo uma maior aproximação com a arte e principalmente com o Espaço que ocupa.

Por todos estes aspectos, pensa-se ter descoberto o percurso que esta investigação quer seguir, que passa na descoberta de novas obras de arte conseguidas pelo Espaço Público e pelos Indivíduos, para assim conseguir esta aproximação mencionada entre Indivíduo, Espaço Público e Arte.





## Bibliografia

### Livros citados

Augé, Marc, *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*, tradução de Maria Lúcia Pereira, Papirus, 1994;

Augoyard, Jean-François, *Sonic Experience*, Canada, McGill-Queen's University Press, 2005;

Careri, Francesco, *Walkscapes – O Caminhar como prática estética*, tradução por Frederico Bonaldo, S. Paulo, G. Gili, 2013;

De Certeau, Michel, *A Invenção do Cotidiano*, tradução por Ephraim Ferreira Alves, Brasil, Editora Vozes, 1998;

Foucault, Michel, *Microfísica do poder*; organização e tradução de Roberto Machado, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979;

Goldberg, Roselee, *A Arte da Performance – Do Futurismo ao Presente*, tradução por Jefferson Luiz Camargo e Rui Lopes, Lisboa, Orfeu Negro, 2012;

Labelle, Brandon, *Acoustic Territories Sound Culture and Everyday Life*, Nova Iorque, The Continuum International Publishing Group, 2010;

Lefebvre, Henri, *A Produção do Espaço*, tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins, 2006;

Mauss, Marcel, *Sociologia e antropologia*, tradução por Paulo Neves, COSACNAIFY, 2003;

Pinto, Jorge R., *Bonfim – Território de Memórias e Destinos*, Junta de Freguesia do Bonfim, 2011;

Tucherman, Ieda, *Breve História do Corpo e de seus Monstros*, Rio de Janeiro, Vega, 1999;

## Livros consultados

Barros, Né, *Da materialidade na dança*, Porto, Centro de Estudos Arnaldo Araújo, 2009;

Guattari, Félix, *CAOSMOSE – Um Novo Paradigma Estético*, tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão, Ed. 34, Rio de Janeiro, 1992;

Lacey, Jordan, *Revoicing the Urban Soundscape: a Case Study of Student Soundscape Design interventions at RMIT University*, Austrália, RMIT University, 2013;

Lacey, Jordan, *Sonic Interventions: Understanding and Extending the Domestic Soundscape*, Florença, Domesticity and Design, 2008;

Moran, Joe, *Reading The Everyday*, Estados Unidos da América e Canada, Routledge Taylor & Francis Group, 2005;

Pile, Steve, *The Body and the City: Psychoanalysis, Space, and Subjectivity*, Routledge, 1996;

Rodaway, Paul, *Sensuous Geographies: Body, Sense and Place*, Londres e Nova Iorque, Routledge, 2011;

Tuan, Yi-Fu, *Espaço e Lugar – A Perspectiva da Experiência*, tradução de Livia de Oliveira, São Paulo, DIFEL, 1983.

## Publicações

Brígido, Edimar I., *Michel Foucault: Uma Análise do Poder*, Rev. Direito Econ. Socioambiental, Curitiba, v. 4, n. 1 p. 56-75, jan./jun. 2013;

Carlos, A. F. A., *O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade*, GEOUSP – Espaço e Tempo São Paulo, V. 18, N. 2, P. 472-486, 2014;

Comparin e Schneider, Karen A. e Jacó Fernando, *O corpo: Uma visão da antropologia e da fenomenologia*, Revista Faz Ciência V. 06, N. 01, P. 173 – 188, 2004;



Giordano, Davi, *Ações de Rua como a busca pelo encontro, pela subjectividade e pelos afetos – Os artistas em contato com a sensível humanidade dos transeuntes*, Revista Observatório da Diversidade Cultural, V. 01, N. 01, 2014;

Leite, Renata D., *Performance, representação e memória: tecendo relações entre corpo, normatividade e performatividade no palco e na sociedade*, Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, Niterói RJ: ANINTER-SH/ PPGSD-UFF, 03 a 06 de Setembro de 2012, ISSN 2316-266X;

Maluf, Sônia W., *Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas – abordagens antropológicas*, Revista Esboços, V. 9, N. 9, 2001;

Müller, Regina P., *Corpo e Imagem em Movimento: há uma alma neste corpo*, Revista de Antropologia São Paulo, USP, V. 43, N. 2, 2000.

## Entrevistas

Giordano, Davi, *Entrevista com Ana Teixeira*,  
Performatus, Inhumas, ano 4, N. 15, Jan., 2016.